



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*NARRATIVAS DE MULHERES DE
NACIONALIDADE ESTRANGEIRA NO SISTEMA
PRISIONAL PORTUGUÊS*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

Joana Filipa Pacheco Loureiro dos Santos

Porto, Julho 2012



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*NARRATIVAS DE MULHERES DE
NACIONALIDADE ESTRANGEIRA NO SISTEMA
PRISIONAL PORTUGUÊS*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

Joana Filipa Pacheco Loureiro dos Santos

Trabalho efetuado sob a orientação de

Doutora Raquel Matos

Porto, Julho 2012

Agradecimentos

Considerando esta Dissertação de Mestrado como resultado de uma longa caminhada pelo meu percurso na área da Psicologia, agradeço a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

À Prof. Raquel Matos, que me orientou neste processo, pela disponibilidade e incentivo ao longo deste percurso. Sem dúvida, foi uma grande orientadora.

Aos professores da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, por estes anos de aprendizagem que me proporcionaram.

Ao Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo, e sobretudo à minha orientadora, Dr^a Paula Feixa por me ter acolhido durante o estágio curricular, dando-me a oportunidade de ter aproximação com esta realidade da reclusão feminina.

Às minhas colegas da Universidade Católica Portuguesa que me acompanharam durante todos estes anos, um obrigado pela amizade, apoio e partilha.

A toda a minha família, principalmente aos meus pais que me deram a oportunidade de estudar numa das melhores universidades do país.

Por fim, um grande obrigado às minhas amigas, Regina, Ana Luís, Vera e Nicole, que me acompanham sempre e que estão do meu lado sempre que mais preciso.

Resumo

Analisando as trajetórias de vida de reclusas estrangeiras no sistema prisional português, o presente estudo pretende contribuir para a compreensão desse fenómeno em Portugal.

São analisadas as abordagens relativas à criminalidade feminina, colocando ênfase na reclusão, género e nacionalidade.

A metodologia consistiu na realização e análise de entrevistas semi-estruturadas a 41 mulheres estrangeiras detidas em Portugal. Após análise das narrativas destas mulheres, é feita uma interpretação dos dados recolhidos das mesmas. Os resultados não mostram diferenças significativas nos discursos das reclusas quando comparadas entre género e nacionalidade, ou seja, a nacionalidade não permite observar diferenças no que diz respeito aos momentos positivos e negativos das suas vidas.

Palavras – chave: Criminalidade Feminina; Mulheres Estrangeiras; “High Point”; “Low Point”; Ponto de Viragem; Vinda para Portugal.

Abstract

Analyzing the life trajectories of foreign inmates in Portuguese prisons, this study intends to contribute to the understanding of this phenomenon in Portugal.

This study analyzes the approaches to female criminality, putting emphasis on incarceration, gender and nationality.

The methodology involved in conducting and analyzing semi-structured interviews to 41 foreign women held in Portugal. After analysis of the narratives of these women, is made an interpretation of the data collected from them. The results show no significant differences in the discourse of inmates compared between gender and nationality, or nationality does not allow to observe differences in relation to positive and negative moments in their lives.

Key - words: Female Crime, Foreign Women, "High Point", "Low Point"; Tipping Point; Coming to Portugal.

Índice

Introdução	7
I.Enquadramento Teórico	9
1.1.Criminalidade Feminina	9
1.1.1.Perspetivas Feministas	11
1.1.2.Estudos sobre Criminalidade Feminina em Portugal	13
1.2.Reclusão, Género e Nacionalidade	15
1.2.1.Mulheres nas Prisões Portuguesas.....	15
1.2.2.Reclusão de Mulheres Estrangeiras em Portugal	17
II.Metodologia	20
2.1.Amostra	21
2.2.Instrumentos e Procedimentos	22
III.Resultados	23
IV.Discussão e Conclusões Finais	33
V.Bibliografia.....	36
VII.Anexos	38

Introdução

Portugal tem-se destacado, nos últimos anos, como um dos países com maior índice de reclusão feminina na Europa (Matos & Machado, 2007), embora este índice tenha diminuído drasticamente na última década. Segundo as autoras, Matos & Machado (2007), só o facto da reclusão feminina em Portugal se demonstrar expressiva em relação ao restante cenário europeu, deveria ser feito um investimento na compreensão das experiências de reclusão vividas por mulheres.

A partir da década de 90, Portugal assumiu-se como um país de destino para um crescente número de cidadãos de nacionalidade estrangeira, fazendo com que a criminalidade praticada por estrangeiros passasse a ter um grande destaque (Guia, 2010). De acordo com a DGSP, no primeiro trimestre de 2012, da população reclusa total (n= 13285), podemos verificar que estão contabilizadas 181 mulheres de nacionalidade estrangeira a cumprir pena nas prisões portuguesas (Anexo 1).

Desta forma, e, devido à escassez de estudos realizados em Portugal sobre a mulher que comete crimes e, principalmente sobre a mulher estrangeira este estudo procura responder ao modo como as mulheres de nacionalidade estrangeira reclusas nas prisões portuguesas constroem as suas narrativas em relação às suas trajetórias de vida no que diz respeito a momentos felizes e outros menos felizes, às mudanças que ocorrem na sua vida, e também, à forma como descrevem a sua vinda para Portugal.

Considerando a importância de contribuir para a compreensão do fenómeno da reclusão de mulheres, estrangeiras, no sistema prisional português, a presente Dissertação de Mestrado está organizada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo inicia com um enquadramento teórico, onde, num primeiro momento são expostas as abordagens sobre a criminalidade feminina, desde as teorias marcadamente positivistas de Lombroso às abordagens sociológicas, passando pelas perspetivas feministas e pelos estudos sobre criminalidade feminina em Portugal. Num segundo momento, o ênfase é colocado na reclusão, género e nacionalidade, de modo a apresentar dados relevantes sobre mulheres nas prisões portuguesas e também, mulheres estrangeiras nas prisões portuguesas.

O segundo capítulo trata das questões metodológicas da investigação, com objetivo de caracterizar a amostra, os instrumentos e procedimentos. A amostra incide sobre mulheres de nacionalidade estrangeira e, surgiu a partir de características que

as reclusas tinham em comum, como nacionalidade, residência e crime cometido. A informação foi recolhida através de um guião de entrevista composto por quatro partes. Os dados recolhidos das entrevistas foram analisados e interpretados com recurso à análise qualitativa.

O terceiro capítulo surge na emergência de interpretar os resultados obtidos da análise das narrativas das mulheres estrangeiras. Os resultados são apresentados por cena/episódio, e está dividido em categorias e subcategorias, criadas indutivamente.

Por fim, no quarto capítulo, são apresentadas as conclusões finais, onde é possível verificar quais os temas mais frequentes mencionados pelas mulheres nas suas narrativas. De acordo com a literatura, vai ser possível verificar se estas narrativas são marcadas pela nacionalidade ou pelo género, ou seja, se há diferenças nos discursos das mulheres estrangeiras quando comparadas com as portuguesas.

I. Enquadramento Teórico

1.1. Criminalidade Feminina

“A violência é sempre terrível, mesmo quando a causa é justa”

(Friedrich Schiller)

Segundo Matos (2008), “as primeiras teorias da desviância feminina surgem no contexto da criminologia do século XIX, marcadamente positivista e androcêntrica, após um longo período em que a mulher não merece qualquer atenção nos estudos da criminologia”.

Um aspecto que deve ser levado em conta quando analisamos a relação entre a criminologia e a criminalidade feminina diz respeito à pluralidade de abordagens e perspectivas que compõem cada um desses campos de estudo, tendo em vista, sobretudo, a historicidade desses movimentos teóricos que acompanharam as transformações sociais mais marcantes do século XX (Pimentel, 2008). Contudo, o nosso conhecimento sobre a criminalidade feminina é inferior quando comparado com a vastidão de estudos realizados relativamente ao fenómeno criminal masculino (Matos, R., 2008).

Para Perruci (1983), a criminalidade feminina não é diferenciada da masculina, talvez pela constatação de que a participação feminina na criminalidade geral é quase insignificante quando comparada à masculina. Além disso, refere que: “vivemos numa sociedade em que se pretende construir, no plano do discurso teórico, uma ciência social para a humanidade como um todo, enquanto que, no plano das relações sociais concretas, a mulher é discriminada em quase todos os sentidos” (Frinhani & Souza, 2005).

A criminologia surge como ciência fortemente marcada pela influência positivista. Os estudos iniciais, centrados no ofensor masculino (Matos, 2008), expressados nos estudos de Cesare Lombroso, enfatizam o carácter naturalístico de quem comete crimes, através de um reducionismo psicológico e biológico que aponta para a ideia do criminoso atávico, designando-o como “criminoso nato” (Pimentel, 2008). Na transição do século XIX para o século XX surgem os primeiros estudos sobre a conduta da mulher que comete crimes (Pimentel, 2008), onde, Lombroso juntamente com Ferrero, realizam estudos que permitiam encontrar estigmas físicos na mulher semelhantes ao

que encontrara no homem criminoso (Beleza, 1990 cit in. Matos, 2008), focando-se na análise de fotografias e histórias de vida de mulheres ofensoras, em particular em prostitutas (Heidensohn, 1985). A dificuldade em encontrar o que procuravam nessas mulheres – estigmas físicos - levou-os a sugerir que a mulher é uma forma humana mais primitiva e assim com menos possibilidades de degeneração atávica quando comparada com o homem (Matos, 2008), referindo também que, a mulher tende a ser uma ofensora ocasional do que nata (Matos,2008).

Lombroso e Ferrero são, desta forma, os primeiros a estudar a criminalidade feminina de um ponto de vista unicamente científico, sendo a obra “La Donna Delinquente” (1903), uma demonstração da procura de uma explicação biológica para o fenómeno criminal. Os autores alegavam o determinismo biológico da criminalidade em ambos os sexos (Cunha, 1994), contudo, ligavam o comportamento criminoso da mulher às suas características biológicas, não tendo em consideração possíveis factores sociais (Bierne, 1994 cit in Matos, R.,2008), e, referiam ainda que as mulheres apresentariam uma ausência de sentimentos maternos e “a inversão de todas as qualidades que em especial caracterizam a mulher normal: nomeadamente, reserva, docilidade e apatia sexual” (Cunha, 1994).

As teorias de Lombroso, apesar de serem severamente criticadas pela falta de sustentação e pela justaposição muitas vezes pouco harmoniosa das diferentes imagens da mulher, influenciaram as posteriores abordagens ao fenómeno criminal feminino, dando um grande contributo no estudo do mesmo (Matos, 2006 cit in Matos, R.,2008).

Fausto (2001) questiona os estudos que apontam factores biológicos como determinantes da criminalidade feminina e defende a proposta de que “a redução da desigualdade entre os sexos, no âmbito da sociedade ocidental, implica a maior presença da mulher não apenas na área do trabalho fora de casa, mas em diferentes campos, entre os quais se inclui a criminalidade” (Frinhani & Souza, 2005).

Focando-se em factores sociológicos, surgem, também, no século XIX, abordagens que continuam a encarar o crime como um fato inquestionável, passível de ser apreendido e cuja compreensão passa pelo estudo etiológico de factores de ordem social conceptualizados como causas do crime (Matos,2008). Começam, então, a ser desafiadas as abordagens bio-psicológicas do crime, que eram bastante fortes no início do século XX, dando maior visibilidade e aceitação às abordagens sociológicas (Matos,2008).

Fausto (2001) questiona os estudos que apontam factores biológicos como determinantes da criminalidade feminina e defende a proposta de que “a redução da desigualdade entre os sexos, no âmbito da sociedade ocidental, implica a maior presença da mulher não apenas na área do trabalho fora de casa, mas em diferentes campos, entre os quais se inclui a criminalidade” (Frinhani & Souza, 2005).

Bastos (1997) refere que as razões para a escassa importância dada à criminalidade feminina pelos criminólogos devem-se, entre outros fatores, ao “forte preconceito que atribui pouco ou nenhum valor às manifestações de desajuste social da mulher” (Frinhani & Souza, 2005). O autor procura explicar o crescimento da criminalidade feminina ligando-a ao aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho, o que é contestado por Lemgruber (1999) que, verificou que apesar da maior participação da mulher no mercado de trabalho, não se observou aumento proporcional de mulheres nas prisões (Frinhani & Souza, 2005).

Esta nova abordagem traz importantes mudanças no plano metodológico, o que irá permitir uma mudança nos discursos sobre a criminalidade de uma forma geral, com consequências também nos discursos particulares sobre a criminalidade feminina (Matos, 2008).

Considerando o modo como as perspetivas sociológicas sobre a criminalidade feminina foram evoluindo, podemos considerar dois discursos distintos, um de cariz positivista, elaborado através da realização de estudos centrados na família e na conformidade aos papéis de género, e outro, afastando-se da lógica positivista não apenas em termos de metodologia mas também conceptualmente (Matos, 2008).

1.1.1. Perspetivas Feministas

“A emergência de estudos científicos que concetualizam a variável género e lhe conferem um papel de destaque, quer na criminologia quer noutras áreas de conhecimento, é indissociável do movimento feminista” (Matos & Machado, 2012).

Na segunda metade do século XX assiste-se a um grande desenvolvimento económico e alterações políticas e sociais, e, a grandes transformações, impulsionadas pelo movimento feminista (Pimentel, 2008).

As perspetivas feministas na criminologia surgem devido à ausência de estudos da mulher que comete crimes (Matos & Machado, 2012).

As primeiras críticas feministas apontavam para a conformidade social das mulheres como principal explicação da diminuta participação no fenómeno criminal (Matos, 2008) em meados da década de 70 nasce o Movimento de Emancipação Feminina, relacionado com a procura de igualdade perante o homem em questões sociais, políticas, económicas, tendo um profundo impacto no que concerne ao fenómeno criminal feminino (Matos, 2008). Este movimento originou um grande debate no que diz respeito à sua influência no aumento da criminalidade feminina e na modificação dos delitos que eram tradicionalmente atribuídos à mulher (Matos, 2008).

Relativamente às perspetivas sociológicas, Matos (2007) realça dois discursos, um centrado no “contexto familiar”, onde as feministas, chamam atenção para o fato de algumas mulheres, poderem transgredir a lei de forma premeditada e consciente, por aparentar ser a opção mais razoável (Matos & Machado, 2007), por motivos de carência económica (Carlen, 1983, 1987; Carlen et al., 1985, cit in Matos & Machado, 2007) e consumos de drogas (Maher, 1997, cit in Matos & Machado, 2007). Podemos também apontar como outros tipos de crime escolhidos, de forma racional por estas mulheres, o tráfico de substâncias, a prostituição (Oliveira, 2002; Phoenix, 2001, cit in Matos & Machado, 2007) e os crimes violentos (Batchelor, 2005, cit in Matos & Machado, 2007) e, outro na “conformidade aos papéis de género”, onde, outros autores, explicam que as mudanças sociais que foram ocorrendo acabam por proporcionar às mulheres contextos que permitem envolver-se no crime, semelhantes aos dos homens (Baskin et al., 1993, cit. Chesney-Lind, 1997, cit in Matos & Machado, 2007).

Com a emancipação da mulher em várias esferas da vida social, alguns autores vêm a relacionar essa circunstância com o aumento da criminalidade feminina (Lemgruber, 2001; Shoemaker, 1996 cit in Matos, 2008). Já os criminólogos Darrel Steffensmeier e Renee Steffensmeier argumentam que o aumento da criminalidade feminina para além de se verificar devido à emancipação da mulher, provém das classes sociais mais desfavorecidas (Matos, R., 2008). Assim, “assiste-se a uma emergência gradual das abordagens feministas na criminologia, criando-se na disciplina espaço para a realização de estudos que não só consideram a variável género como a conceptualizam, na perspectiva feminista, de forma mais adequada” (Matos & Machado, 2012).

As feministas têm criticado a conceptualização da criminalidade feminina com base, por exemplo, em factores biológicos ou em estereótipos de género (Brown, 1998

cit in. Matos & Machado, 2012). Características que têm sido criticadas pelas feministas são o facto de a mulher que comete crimes ser considerada duplamente desviante, por transgredir simultaneamente a lei e os papéis de género convencionais; a caracterização estereotipada dos crimes cometidos pelas mulheres em contraste com uma criminalidade masculina considerada não apenas mais frequente e violenta mas também muito mais diversificada; e, a irracionalidade e heterodeterminação das mulheres que cometem crimes, onde as autoras feministas têm vindo a insistir na importância de entender a desviância feminina como um fenómeno social e não individual (Matos & Machado, 2012).

O movimento feminista proporcionou, desta forma, uma emergência de estudos científicos que conceptualizassem a variável género (Matos, 2008), passando esta a ter importante papel nas análises criminológicas, que, notadamente eram compostas por pessoas do sexo masculino (Pimentel, 2008). Assim, permite “desconstruir o argumento prevalecente na criminologia tradicional de que as mulheres absoluta e incontestavelmente cometem menos crimes do que os homens” (Matos & Machado, 2012).

Os estudos feministas marcam também a criminologia a nível metodológico (Matos & Machado, 2012), privilegiando as metodologias que tornam possível as participantes “darem voz” às suas experiências, “sem determinar à priori o significado dessas experiências ou a forma de as categorizar para posterior análise” (McDermott, 2002 cit in. Matos & Machado, 2012). Desta forma, destacam-se a observação e a entrevista em profundidade enquanto estratégia de recolha de dados (Matos & Machado, 2012).

Podemos concluir que, as contribuições feministas na criminologia abrem “as portas” para o surgimento e criação de novos estudos e teorias sobre a criminalidade feminina. Como exemplos temos a obra de Carol Smart “Women, crime and criminology: A feminist critique” (cit in. Matos & Machado, 2012), estudos sobre mulher e crime e estudos sobre mulher e justiça (Heidensohn, 1997 cit in. Matos & Machado, 2012).

1.1.2. Alguns estudos sobre criminalidade feminina em Portugal

Embora seja relativamente recente a realização de estudos sobre criminalidade feminina em Portugal, identificamos já um conjunto de autores com diversos trabalhos publicados neste âmbito.

Os primeiros contributos vieram da área do Direito, com os estudos de Teresa Beleza, em 1984, sobre “*A mulher no código penal de 1982.*” e, em 1988 “*Mulheres e crime: O sistema penal e a construção do género.*”

Através da realização de etnografias em meio prisional, Manuela Ivone Cunha apresenta vários estudos, os quais “*Prisão no feminino: Os estudos prisionais, a reclusão de mulheres e a variação dos contextos da identidade*” ; “*Os géneros do tráfico*”, onde o objetivo é procurar como se “*modula o tráfico segundo o género, como e quando são os narcomercados estratificados por este e outros critérios e quais as modalidades de participação feminina na economia da droga*”.

Mais recentemente, Raquel Matos começou por realizar um estudo onde procura compreender o significado atribuído ao crime e à reclusão, bem como as circunstâncias genderizadas presentes na construção dos discursos destas mulheres, apresentamos um estudo sobre sobre percursos de vida, significações do crime e construção da identidade em jovens reclusas: análise de narrativas, elaborado por Raquel Matos (2008), no qual, é utilizado um Guião de Entrevista – Trajectórias de Vida de Reclusas Estrangeiras que passa por 4 partes as quais: História de vida, onde é pedida a sua história de vida desde o nascimento até ao momento actual; Cenas significativas, onde a reclusa descreve o “Momento mais positivo, o “Pior” momento da sua vida, “Ponto de viragem” (mudança mais significativa), Vinda para Portugal, Reclusão e Crime (Matos, 2008). O objetivo deste trabalho passa por apresentar resultados da análise das narrativas e responder a duas questões fundamentais: quais os significados que as mulheres constroem sobre o crime e sobre a reclusão nas suas trajetórias de vida, e, como é que na sua perspectiva, as suas trajetórias são determinadas por fatores sociais associados à sua condição feminina (Matos Machado, 2007). Raquel Matos, apresenta os resultados do primeiro estudo do projeto de investigação sobre “Trajetórias de vida de reclusas de nacionalidade estrangeira em Portugal”, nos quais, caracterização sociodemográfica e Jurídico-penal (Matos, Machado, Barbosa & Salgueiro, 2010). Neste estudo é visível que as mulheres mencionam a reclusão como o seu ponto de viragem, vista como positiva no sentido de terminar situações de abuso continuado, possibilidade de acabar com os consumos de drogas, prostituição ou roubos. Contudo, referem a privação de liberdade e o fato de estarem longe da família como viragem negativa (Matos & Machado, 2007). Para elas, a ida para a prisão é o maior desafio da sua vida, onde, algumas delas referem que a reclusão lhes permitiu conhecer capacidades que desconheciam possuir (Matos & Machado, 2007). A família e as relações sociais também têm grande destaque na vida destas mulheres. Contudo, segundo Matos e

Machado (2007) podemos identificar dois posicionamentos distintos que direccionam a reclusão para uma “paragem” na sua trajetória atribuindo-lhe um significado negativo, e, em contrapartida, para outras mulheres a reclusão mostra-se como um ponto de viragem positivo nas suas vidas, pois, é o que as faz sair do mundo do crime em que estavam inseridas.

Podemos dizer que atualmente existem diversas abordagens a surgir sobre criminalidade feminina. Exemplo é o estudo de Vera Mónica da Silva Duarte, que, apresenta a sua tese sobre delinquência juvenil feminina, “Os caminhos de Alice do outro lado do espelho: Discursos e percursos na delinquência juvenil feminina”, onde procura entender a problemática da delinquência juvenil feminina, especificamente as experiências e os significados da transgressão nos percursos de vida de raparigas em cumprimento de medidas tutelares educativas institucionais ou na comunidade, através da construção narrativa, optando por metodologias qualitativas.

1.2.Reclusão, género e nacionalidade

*“O género só é especificado quando as questões
investigadas têm como cenário uma prisão de mulheres”*

(Manuela Ivone Cunha, 2007)

1.2.1.Mulheres nas prisões portuguesas

De acordo com Matos & Machado (2007), os primeiros estudos da mulher que comete crimes foram realizados a um nível comparativo com os dos homens, existindo, desde logo, uma discrepância a nível de género (Amaral, 2008).

Segundo Teresa Beleza, e, numa visão feminista, “o fenómeno de estigmatização torna-se mais significativo quando se trata de reclusão feminina, pois, as mulheres são socialmente representadas como tendo menor tendência para o envolvimento em ações que possam conduzir a repreensões formais”, o que faz com que o estigma relativamente à mulher que comete crimes seja maior em relação ao homem, sendo que, o crime cometido pelo homem se torna socialmente aceite em comparação com a mulher (Moreno & Sousa, 2008).

De uma forma sintética, Amaral (2008), refere que se verifica que as reclusas mantêm uma história social vinculada à pobreza, abuso, monoparentalidade,

condições de sem abrigo e de fraca saúde mental. Carlen (2007) refere que a par dessa situação, uma vez em liberdade, as mulheres deparam-se com más condições no alojamento, emprego e perspetivas de futuro, o que acontecia, também, nos anos 70.

Embora numa análise de décadas anteriores existisse um número elevado de reclusão feminina, onde, em comparação com outros países da Europa, Portugal se destaca (Fonseca, 2010), nos últimos anos tem vindo a diminuir. As mulheres constituem de 2% a 10% da população reclusa em diferentes países (Lemgruber & Paris, 2011). De salientar que a taxa de reclusão feminina no contexto português desde 1997 tem diminuído, passando dos 10% para os 6% da população reclusa total (Matos, 2011), destacando-se a significativa representatividade de mulheres de etnia cigana e de nacionalidade estrangeira (Gonçalves & Lopes, 2004, cit. in Amaral, 2008).

Segundo os dados apresentados, do terceiro trimestre de 2011, pela Direção Geral de Serviços Prisionais (DGSP), a reclusão feminina apresenta cerca de 5,4% da população reclusa total, com idade compreendida entre os 20 – 49 anos de idade. De acordo com a DGSP 29,8% das reclusas estão preventivas e 70,2% condenadas. As condenações são referentes a crimes como: crimes contra pessoas (26,8%), crimes contra valores e interesses da vida em sociedade (7,8%), crimes relativos a estupefaciente (21%), crimes contra o património (27,8%) e outros crimes (16,6%). As penas rondam os 3 e 9 anos. Aproximadamente 76% apresentam frequência de escolaridade: 25,7% - 1º C. Ensino Básico (1º, 2º, 3º e 4º anos); 14,4% - 2º C. Ensino Básico (5º e 6º anos); 20,2 % - 3º C. Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos), 11,3% - ensino secundário; 3,8% - ensino superior; 0,6% - outros cursos, e, aproximadamente 10% são analfabetas.

A proporção de população feminina nas prisões parece dever-se a um aumento das condenações pelo crime de tráfico de estupefacientes, tanto em Portugal como nas restantes sociedades ocidentais (Fonseca, 2010). Num estudo idêntico, Raquel Matos & Carla Machado, demonstraram que, para além do tráfico de estupefacientes, o segundo lugar é ocupado pelas reclusas consumidoras, detidas por crimes contra a propriedade (Amaral, 2008). Agra (1998) conclui que apesar de as drogas serem um dos principais fatores de entrada das mulheres num Estabelecimento Prisional, não se pode confirmar nenhum estereótipo de toxicodependência com uma relação direta com a delinquência. (cit in. Amaral, 2008).

De sublinhar que, quando olhamos para a reclusão feminina actualmente em Portugal, não podemos desprezar a reclusão de mulheres de nacionalidade estrangeira no o contexto prisional português, que desde 1999 quase triplicou (Matos, 2011). Essa situação será debatida no próximo ponto.

1.2.2. Reclusão de Mulheres Estrangeiras em Portugal

“Não é invulgar associar-se a imigração à criminalidade.”

(Seabra & Santos, 2005)

O tema da imigração e criminalidade em Portugal tem vindo a ser recentemente analisado, quer a nível nacional, quer a nível internacional (Guia, 2010). Podemos verificar que as teorias clássicas da criminologia tendiam a explicar o aumento da criminalidade com o aumento dos movimentos migratórios, resultantes de motivos económicos, de privação a nível de oportunidades no país de destino e de desigualdade de oportunidades em relação aos autóctones (Guia, 2010).

Tal como aconteceu com outros países da Europa, como Espanha, Itália e Grécia, a posição portuguesa no contexto internacional das migrações tem registado alterações significativas nas últimas duas décadas, havendo uma transição de emigração para imigração que levou ao aumento do número de estrangeiros no nosso país (Esteves & Malheiros, 2001).

Portugal foi um país, tradicionalmente, marcado pela emigração, contudo, a partir da década de 90, passou a integrar o grupo de países de imigração, fazendo com que se assumisse, também, como um país de destino para um crescente número de cidadãos de nacionalidade estrangeira (Almeida, Norte, Mortágua, Rosa, Silva & Santos, 2004). Desta forma, segundo Maria João Guia (2010), com o aumento da população imigrante em Portugal, nos últimos anos, a proporção de reclusos estrangeiros e imigrantes tende igualmente a aumentar. A autora refere que a criminalidade praticada por estrangeiros em Portugal passou a ter grande destaque a partir da altura em que um maior fluxo migratório se começou a fazer sentir, nomeadamente a partir de finais dos anos 90 do século XX, referindo ainda que, alguns meios de comunicação social contribuíram para a criação de uma imagem negativa sobre o envolvimento de cidadãos estrangeiros em actividades criminosas, reforçando a ideia pré-formada na opinião pública que associava imigrante e crime (Cádima & Figueiredo, 2003 cit in. Guia, 2010).

A presença de estrangeiros em território português tem vindo a aumentar de forma muito expressiva, podendo separar-se duas fases no processo migratório: uma primeira fase que fazem parte os estrangeiros dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP'S: Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau e Moçambique), fluxos que aumentaram significativamente com a descolonização, e numa segunda fase, na segunda metade dos anos 80, abrangendo outras nacionalidades como Brasileiros, Chineses, Indianos, estendendo-se ainda aos Países Europeus de Leste, especialmente à Ucrânia, Moldávia, Rússia e Roménia (Almeida, Norte, Mortágua, Rosa, Silva & Santos, 2004).

Esteves & Malheiros (2001), referem que, de acordo com a bibliografia recente sobre imigração e crime na Europa do Sul, têm sido privilegiadas três perspectivas que se complementam. A primeira é a abordagem clássica e associa a “sobre-representação” nos estabelecimentos prisionais com o fenómeno de exclusão social que conduz alguns indivíduos pertencentes a alguns grupos que enfrentam graves problemas sociais (desemprego, reduzidos níveis de solvência, padrões de rupturas familiares) a comportamentos desviantes; a segunda, sem negar os aspectos referidos na primeira abordagem, sublinha a criminalização dos imigrantes, ou seja, atitude discriminatória das autoridades judiciais em relação aos estrangeiros conduzindo a procedimentos repressivos que os penalizam (Baganha, 1996; Martinez de Seabra, 1999, cit. in. Esteves & Malheiros 2001); a terceira abordagem é apresentada por Campani (1998) e associa o tráfico de migrantes com as redes transnacionais que funcionam dentro da economia capitalista global contemporânea, sendo esta questão do tráfico crucial, pois, a “sobre-representação” dos estrangeiros nos estabelecimentos prisionais está em grande medida associada ao tráfico de drogas.

Segundo Bianchi, Buonanno & Pinotti (2008), Stowell (2007) & Sampson (2008), os últimos estudos têm vindo a contrariar esta teoria apontando alguma relação entre imigração e crimes contra propriedade, sobretudo roubos. Segundo a autora Maria João Guia (2010), as investigações norte-americanas sobre este assunto, mediante o cruzamento de exaustivas variáveis, como sexo, idade, habilitações literárias, profissão, pobreza, desemprego, entre outras, trouxeram um factor de novidade afirmando que a imigração não só contribui para o aumento da criminalidade, como é um factor de descida da criminalidade consensualmente considerada violenta.

Como sabemos, a mulher que comete crimes tende a ser duplamente penalizada por transgredir as normas legais e também, os papéis de género

tradicionais, podemos salientar que estas mulheres possam ser triplamente penalizadas por serem, também, estrangeiras (Matos, 2011). Assim, no estudo "Trajetórias de Vida de Reclusas de Nacionalidade Estrangeira em Portugal" (Matos, 2010), foram analisadas as trajetórias de vida das reclusas estrangeiras no nosso país, procurando compreender aspetos relacionados com a violência de género e experiências de reclusão. O estudo mostrou que na última década, a percentagem de estrangeiras entre as mulheres detidas nas prisões portuguesas passou de 11,4% (em 2000) para 31,9% (em 2009). Aponta ainda para o facto de a população prisional se distribuir de modo muito desigual entre portugueses (79,8%) e estrangeiros (20,2%), sendo que o peso relativo dos estrangeiros entre as mulheres é maior. Enquanto os homens estrangeiros representam 19,6% da população reclusa masculina, as mulheres estrangeiras representam 28,2% das reclusas. Por distribuição de nacionalidade, 49,6% dos reclusos estrangeiros é proveniente dos PALOP. A maioria das reclusas estrangeiras em Portugal não residia no país antes do momento em que foram presas. Grande parte delas é proveniente da Europa (36,2%), seguindo-se a África lusófona (27,7%) e a América do Sul (23,6%), e o motivo para se encontrarem detidas é, e significativamente, o tráfico de droga. Neste último aspecto não diferem das reclusas portuguesas nem da tendência dos últimos anos (Matos, Machado, Barbosa & Salgueiros, 2010).

Verificando os dados mais recentes da Direção Geral de Serviços Prisionais (anexo 1), no primeiro trimestre de 2012, podemos verificar que o registo de reclusas nas prisões portuguesas é de 746 mulheres, sendo que 24,3% (n=181) das quais são estrangeiras. Relativamente à nacionalidade destas reclusas (anexo 2), verificamos que estas provém maioritariamente dos PALOP, de forma mais significativa de Cabo Verde (24,9%), seguido dos Países da América do Sul, maioritariamente do Brasil (17,1%) e por fim, da Europa, a maior parte de nacionalidade espanhola (13,3%) e romena (11%).

De acordo com os dados apresentados pela DGSP (anexo 3), os crimes com maior destaque entre a população reclusa feminina estrangeira são os crimes contra as pessoas (8,7%), contra o património (11,96%), crimes contra valores (3,3%) e de forma muito significativa, o tráfico de estupefacientes (76,1%). Segundo Seabra & Santos (2006), a tipologia dos crimes mais cometidos pelos reclusos estrangeiros mudou consideravelmente, pois, deixaram de estar presentes delitos como condução de veículo em estado de embriaguez, ofensas à integridade física simples, emissão de

cheques sem previsão, dando lugar às práticas criminais mais graves, como as referidas anteriormente.

II. Metodologia

Tendo em conta que a questão central deste estudo é analisar as narrativas de mulheres de nacionalidade estrangeira no sistema prisional português, a metodologia utilizada é de natureza qualitativa. Os métodos qualitativos permitem aceder a discursos construídos, neste caso, sobre as trajetórias de vida de reclusas estrangeiras em Portugal, especificamente, nas cenas importantes da sua vida.

Desta forma, de acordo com os discursos destas mulheres, o objeto de estudo desta investigação, é a análise e compreensão das suas vivências, no que diz respeito a momentos de “high-point”, de “low-point”, ponto de viragem, e vinda para Portugal.

2.1. Amostra

Num primeiro estudo do projecto de investigação “Trajectórias de Vida de Reclusas de Nacionalidade Estrangeira em Portugal”, consultaram-se 186 processos de reclusas estrangeiras em Estabelecimentos Prisionais portugueses destinados a mulheres, entre Janeiro e Junho de 2010.

O objectivo deste primeiro estudo seria a caracterização sócio - demográfica e jurídico – penal destas reclusas, assim como, o seu cumprimento de pena e vida prisional. Os dados recolhidos neste primeiro estudo foram sujeitos a uma análise qualitativa, através do software PASW-SPSS. A partir da análise, destacaram-se quatro grupos distintos de mulheres estrangeiras, tendo em consideração algumas características que estas mulheres tinham em comum, nomeadamente a nacionalidade, a residência e o crime principal cometido, como poderemos ver na tabela 1:

Cluster 1	Mulheres europeias, sem residência em Portugal, encontrando-se a cumprir pena por tráfico de droga.
Cluster 2	Mulheres sul americanas, não residentes no nosso país,

	encontrando-se a cumprir pena por tráfico de droga.
Cluster 3	Mulheres europeias, residentes em Portugal, detidas por outro tipo de crimes, principalmente contra o património e contra as pessoas.
Cluster 4	Mulheres africanas, residentes em Portugal, detidas por tráfico de droga (tráfico doméstico).

Tabela 1 – características segundo cluster (nacionalidade, residência e crime)

Entre Janeiro e Março de 2011, outro estudo, de natureza qualitativa, foi realizado. Neste estudo, foram selecionadas reclusas de cada um dos clusters referidos para serem entrevistadas. Foram ainda selecionadas mulheres cujas características não se enquadravam em nenhum dos quatro grupos acima referidos mas que, no entanto, as suas trajetórias de vida são significativamente importantes para o estudo em questão (grupo 5; cf. Tabela 2). Estes “casos negativos” permitiram aumentar a viabilidade da amostra em termos da sua experiência no fenómeno em estudo.

Grupos	N
Grupo 1	10 Mulheres
Grupo 2	10 Mulheres
Grupo 3	6 Mulheres
Grupo 4	10 Mulheres
Grupo 5	5 Mulheres

Tabela 2 – número total de mulheres distribuídas por grupo.

Desta forma, a amostra do presente estudo incide sob estes cinco grupos, sendo constituída, então, por 41 mulheres de nacionalidade estrangeira, que cumprem medidas de privação de liberdade em Portugal. Relativamente à idade da amostra, esta varia entre os 19 anos e os 54 anos, sendo a maior percentagem (12,5%), os 30 anos (5 reclusas).

2.2. Instrumentos e Procedimentos

A entrevista é considerada uma das técnicas de recolha de dados mais utilizada em investigação qualitativa e, está normalmente associada a uma maior liberdade de resposta que permite redireccionar as questões e aprofundar assuntos em função das respostas que o entrevistado vai dando (Mário Santos, 2008). Surge com a emancipação dos estudos feministas na criminologia, e, segundo McDermott (2002) possibilita as participantes “dar voz às suas experiências, sem determinar à priori o significado dessas experiências ou a forma de as categorizar para posterior análise” (cit in. Matos & Machado, 2012), permitindo dessa forma a sua visibilidade. Assim, a entrevista, como método qualitativo, permite a recolha de dados em contexto natural, de carácter descritivo, podendo necessitar de uma intervenção mais exploratória por parte do entrevistador, de forma a obter uma descrição mais pormenorizada.

A informação foi recolhida através do “Guião de Entrevista – Trajectórias de Vida de Reclusas Estrangeiras” (Matos, Machado, Barbosa & Salgueiro, 2010) – anexo 4. O *Guião de Entrevista* está dividido em quatro partes, as quais: I. História de vida, onde é pedido à reclusa que conte a história da sua vida desde que nasceu, e, onde é explorado, caso a reclusa não mencione, o seu contexto familiar e micro-social; o contexto macro-social; o percurso escolar, as ocupações; os comportamentos desviantes; as experiências de vitimação/discriminação; institucionalizações e a sua vinda para Portugal; II. Cenas significativas (adaptado de McAdams, Bowman, Lewis, Hart & Cole, 1999), onde é pedido que a reclusa descreva o seu “high point” – uma cena de alegria, felicidade, afectos positivos, a melhor cena da sua história; “low point” – uma cena de tristeza, medo, afectos negativos, a pior cena da sua história; ponto de viragem – uma cena em que a participante experimente uma mudança de vida significativa; cena da “imigração”/Vinda para Portugal – a cena mais significativa relacionada com a vinda para Portugal; cena da reclusão – cena mais significativa relacionada com a reclusão e, cena do crime – cena mais significativa relacionada com o crime; III. Personagens (adaptado de McAdams, Bowman, Lewis, Hart & Cole, 1999), onde é pedido que mencione as personagens que foram mais marcantes na sua história de vida de reclusas, tanto de influência positiva como negativa; e, IV. Argumento para o futuro (adaptado de McAdams, Bowman, Lewis, Hart & Cole, 1999), onde é explorado como os sujeitos perspectivam o futuro. Neste quarto momento é pedido, também, ao sujeito que avalie o seu processo.

Tendo em conta o objeto deste estudo, que se remete para as cenas específicas e significativas nas trajetórias de vida destas mulheres, a análise será focada na segunda parte do guião - Cenas significativas (adaptado de McAdams, Bowman, Lewis, Hart & Cole, 1999).

Como forma de recolha de dados, foram utilizadas as entrevistas realizadas às mulheres estrangeiras que se encontram nos Estabelecimentos Prisionais de Tires e Especial de Santa Cruz do Bispo. Essas entrevistas seguiram um guião adaptado - “Guião de Entrevista – Trajetórias de Vida de Reclusas Estrangeiras” (Matos, Machado, Barbosa & Salgueiro, 2010).

Os dados resultantes das transcrições das entrevistas foram analisados e interpretados com recurso à análise qualitativa, tendo como suporte o *software* NVIVO9. Este software de tratamento de dados qualitativos permite a organização e visualização da informação, de modo a que a análise da mesma seja mais profunda e flexível.

Através da análise e interpretação detalhada dos dados recolhidos, foi possível compreender as experiências de vida destas mulheres, e os significados atribuídos pelas mesmas.

III.Resultados

Apresentamos os resultados da análise das entrevistas das mulheres estrangeiras relativas à construção das narrativas referentes às cenas específicas das suas trajetórias de vida – High Point, Low Point, Ponto de viragem e Vinda para Portugal.

Para a análise das narrativas foi criada uma tabela (cf. Anexos 5,6,7 e 8) para cada uma das cenas/episódios (High Point, Low Point, Ponto de viragem e Vinda para Portugal) e, foram definidas categorias, criadas indutivamente, a partir da análise das narrativas das 41 reclusas estrangeiras.

Os resultados são apresentados por cena/episódio, através da descrição das principais categorias emergentes. Dentro de cada episódio descrevemos e ilustramos com excertos das entrevistas as categorias construídas, e, sempre que se justifica, o número de mulheres que fazem referência a cada categoria.

I.High Point (anexo 5) – diz respeito à construção narrativa do episódio que as mulheres consideram ser o melhor da sua vida. Nesta cena foram construídas 5 categorias, as quais, **Família, Prisão, Relação com companheiro, Tempos de escola/faculdade e, Vinda para Portugal.**

1.1. Família

Verificamos que 34 das 41 reclusas remetem a melhor cena da sua vida para momentos ligados à família. Esta categoria está dividida em 3 subcategorias, as quais: **Nascimentos, Momentos em família e Momentos relacionados com a família** (cf. Anexo 9).

1.1.1.Nascimentos

Verificamos que 21 das reclusas referem o nascimentos dos filhos como o momento mais feliz da sua vida (*oh pah... momentos felizes... tive, tive na minha vida, tive muitos. Só posso dizer um, o nascimento dos meus filhos. Fiquei muito contente - 03_c1*). Os nascimentos podem referir-se, também, a irmãos ou netos (*...o nascimento do meu irmão porque é o meu único irmão - 22_c3*) e, (*A primeira neta... prontos... foi uma experiência... eu não sabia o que era ter uma neta - 24_c4*). Encontramos também nesta categoria uma referência à gravidez (*Foi quando soube que estava grávida – 11_c2*).

1.1.2 Momentos em família

Oito das 34 reclusas referem os momentos em família como momentos felizes (*Tem... um momento mais feliz, aquilo que eu mais gosto e eu mais quero é só se estivesse junto com meus filhos, do meu lado. Esse é que é para mim o momento mais feliz. Mais nada, nada... - 33_c4*).

1.1.3 Momentos relacionados com a família

Podemos verificar que duas das 34 mulheres referem os momentos relacionados com a família de felicidade (*deixa-me pensar... quando o meu irmão acabou do coma. Acordou do coma. G.: o seu irmão esteve em coma? E.: sim. G.: e depois quando ele acordou o que é que sentiu? E.: senti... senti... senti sei lá. G.: ficou muito feliz. E.: sim - 41_c5*).

1.2. Prisão

De acordo com as narrativas, 9 das 41 reclusas mencionam a prisão como cena de alegria na sua vida. Esta categoria está dividida em 4 subcategorias, as quais: **Estar livre antes da prisão, Dentro da prisão e, sair da prisão.**

1.2.1. Estar livre antes da prisão

Uma reclusa refere que o momento mais feliz da sua vida era a liberdade (*Mais feliz da minha vida... Sempre, todos os dias antes de deste problema que tenho agora aqui.* - 20_c3),

1.2.2. Dentro da prisão

Duas das 9 reclusas referem que estar na prisão é um momento feliz da sua vida (*E. - Hum... o momento mais feliz da minha vida... que pergunta! [risos] Pensei que foi aqui, neste momento. G. - Porquê? E. - Porque conheci uma grande pessoa que nunca pensei vir a conhecer. G. - Então aqui, apesar de estar presa, também é um momento positivo da sua vida? E. - Sim, é um momento muito feliz"- 10_c2*). Ainda uma das reclusas refere que o que a faz mais feliz é uma relação que mantém após a reclusão (*Ele vem visitar-me todos os fins-de-semana. Acho que o momento mais feliz é agora.* - 13_c2)

1.2.3. Sair da prisão

Quatro das 9 reclusas referem que o momento em que saírem em liberdade vai ser o melhor momento da sua vida (*Se calhar vai ser, o momento quando eu voltar para casa* - 23_c5).

1.3. Relação com companheiro

Podemos verificar que três das 41 mulheres, mencionam a relação com o companheiro algo como positivo na sua vida, fazendo com que esse fosse o momento mais feliz para elas (*Tem! O meu marido... aquele português que é mais carinhoso, mais amoroso, mais coisa... Com ele sempre fui mais feliz..* - 33_c4)

1.4. Tempos de escola/faculdade

Para três mulheres da amostra, os tempos de adolescência ligados à escola/faculdade são considerados os melhores momentos que vivenciaram (*Ah! acho que no período que eu estava a estudar na faculdade, foi muito bom porque eu*

gostava daquilo, eu era CDF mesmo, primeira da classe, sabe? eu acho que o momento mais alegre da minha vida foi a época que eu estudava... - 17_c2).

1.5. Vinda para Portugal

Apenas uma das 41 reclusas refere que a sua vinda para Portugal foi o momento mais feliz, e associa a sua vinda à sua família e à melhoria de vida. *(claro, tive momentos. Porque quando que eu voltei de Espanha para Portugal, veio com meu sobrinho, com a minha prima .. Passados 3 ou 4 meses já arranjei o meu trabalho e na casa já tinha em Portugal família, e assim, gostava das pessoas logo no momento, já um dia, dois dias, três dias. Já ficava farta...já não quer vir ... mas senti diferença assim um bocadinho, logo já tinha o meu dinheiro, o meu emprego, a minha casa - 43_c4).*

II.Low Point (anexo 6) – diz respeito respeito à narrativa do episódio que as mulheres consideram ser o pior momento da sua vida. Está dividida em 5 categorias, as quais, **Família, Prisão, Relação com companheiro, Episódios de Vitimação, e Condições de vida precárias** (cf. Anexo 10).

2.1. Família

Esta categoria está dividida em 4 subcategorias, as quais, **Separação dos filhos, Doença de familiar, Morte de familiar e, Má relação com o pai**. Nesta categoria 20 das 41 reclusas mencionam episódios ligados à família como situações negativas para si.

2.1.1.Morte de familiar

Podemos verificar que 14 das 20 mulheres da amostra referem a morte de uma familiar como pior momento da sua vida: a perda do filho *(foi a morte dos meus filhos. - 18_c5)*, ou do irmão *(foi quando morreu o meu irmão. - 16_c2)*, ou dos pais *(o momento mais triste é isso...quando perdemos os pais - 36_c5)*

2.1.2.Doença de familiar

Duas das 20 mulheres assinalam a doença de algum familiar como um momento difícil. *(O pior foi quando a minha mãe foi internada e foi operada, aquele foi o momento pior da minha vida... mas graças a Deus acabou bem, ela está bem...e é isso! - 26_c2)*

2.1.3. Separação dos filhos

Verificamos que duas das 20 reclusas mencionam o estar separadas dos filhos a cena de maior tristeza (*Porque não vejo filhos, não posso abraçar... Tem saudades dos seus filhos, é? [Acena que sim] - 08_c1*).

2.1.4. Má relação com o pai

Apenas uma das 20 reclusas refere que um momento mau para si era a má relação que mantinha com o pai (*Ah isso foi quando o meu pai não queria me aceitar ser mãe sem ser casada. G. - Porque é que foi um momento muito mau para si? E. - Porque ele queria decidir a minha vida. Queria arranjar um marido para mim, para eu casar e eu não queria! G. - Ele queria arranjar outro marido para si que não o sei namorado? E. - Sim e eu não aceitei. Queria estar com pessoa que eu gosto, não que os outros gostam - 31_c4*);

2.2. Prisão

A segunda categoria diz respeito à Prisão como cena mais infeliz na vida destas mulheres. Podemos constatar que 16 das 41 mulheres referem o entrar na prisão como pior momento da sua vida (*Entrar aqui. ... Medo... a primeira noite que entrei... era de noite, peguei na minha coberta e entrei na cela. A guarda me fala mas eu não entendi nada. A minha prima disse "não te preocupes que vai correr tudo bem" - 22_c3*);

2.3. Relação com companheiro

Esta categoria está composta por duas subcategorias: fim da relação e casamento, situações que são apontadas como momentos tristes. Apenas 2 das 41 reclusas da amostra mencionam o seu companheiro ligado a afectos negativos. Uma reclusa refere Fim da relação com o seu companheiro foi um momento triste para si (*Quando terminei com o meu marido... porque eu amava muito o meu marido (...) Então esse foi o momento mais triste para mim porque eu sempre queria que a minha filha crescia com o pai e a mãe juntos - 06_c1*), outra reclusa refere o seu Casamento como um momento difícil para si (*Os meus 14 anos de casamento (...) Tirando o facto de eu ter problemas com a minha mãe, mas isso é passado isso... uma mãe perdoa-se, uma filha perdoa-se, mas um de fora não! (...) Ai foram, difíceis, tristes e agonizantes... - 07_c1*)

2.4. Episódios de vitimação

Os dados mostram que das 41 reclusas, quatro falam em situações na qual foram vítimas de maus-tratos (*O momento mais triste foi quando um homem que eu amei muito, e ele a mim, me começou a bater - 24_67F_4*) ou abuso sexual (*Quando fui pequenina... de 8 até 14... quando era abusada pelo meu padrasto – 21_c3*).

2.5. Condições de vida precárias

Nesta categoria apenas duas das 41 reclusas afirmam ter vivido momentos difíceis, situações de vida precárias (*Antes foi mais triste por causa que estava a pensar que não tenho casa, tenho 3 filhos e não tenho casa, nem dinheiro. Deixei os meus filhos sozinhos com o pai deles... isso foi o mais triste. - 38_c3*)

III. Ponto de Viragem (anexo 7) – diz respeito a uma cena em que a participante experimente uma mudança significativa no seu percurso de vida. Esta mudança pode ser de cariz positivo ou negativo para a reclusa. Está dividida em 6 categorias, as quais, **Prisão, Família, Relação com companheiro, Crime e Comportamentos Desviantes, Vinda para Portugal e Consumo de droga** (cf. Anexo 10).

3.1. Prisão

Esta categoria está dividida em 6 subcategorias, as quais, **momento em que foi presa, deixar a droga, estar presa, tornar-se mais forte, tornar-se mais consciente e, sair em liberdade**. Na amostra em estudo podemos constatar que 22 das 41 reclusas mencionam a privação de liberdade como ponto de viragem na sua vida.

3.1.1. Momento em que foi presa

De acordo com a análise das narrativas, podemos verificar que 3 das 22 reclusas referem o momento em que foram presas como ponto de viragem (*mas também mudou no momento em que eu vim presa, claro... por isso... – 01_c1*)

3.1.2. Estar presa (privação de liberdade)

Podemos constatar que 15 das 22 reclusas referem que a situação de estar presa mudou as suas vidas, numa vertente positiva (*Sim, eu sou mais forte, sou uma pessoa diferente... (...) Sente que a sua vida mudou depois disto? ... Sim, sim, muito... - 12_c1*) e, também numa vertente negativa (*Esta, esta há-de marcar-me para sempre no sentido de... há-de marcar-me para sempre no sentido de que me... tiraram-me a minha liberdade... – 02_c1*).

3.1.3. Deixar a droga

Uma das reclusas refere que a prisão foi um ponto de viragem para si porque permitiu-lhe deixar a droga (*Bem, foi quando entrei aqui! (...), consegui deixar a metadona. Tinha as doses muito altas e deixei-a. – 05_c1*),

3.1.4. Tornar-se mais forte

Uma reclusa refere que a prisão mudou a sua vida no sentido de ter-se tornado mais forte (*Sim, eu sou mais forte, sou uma pessoa diferente... - 12_c1*),

3.1.5. Tornar-se mais consciente

Uma das 22 reclusas refere que a prisão a fez ficar mais consciente das suas atitudes - (*E... estou mais consciente dos meus actos... e agora penso 2, 3 ou 4 vezes antes de fazer as coisas. - 22_c3*)

3.1.6. Sair em liberdade

Uma reclusa refere que o momento que vai mudar a sua vida é o momento que sair da prisão (*Não sei... quando sair lá fora (...) Quero estar com a minha família, tratar da minha casa... (...) Quero ir na Roménia. Não quero aqui, não conheço ninguém, não tenho nada com ninguém aqui! - 40_c3*).

3.2. Família

De acordo com a amostra, 6 das 41 reclusas mencionam factores ligados à família como ponto de viragem na sua vida. Esta categoria está dividida em 3 subcategorias: **Morte de um familiar, Gravidez e Relação com a mãe.**

3.2.1. Morte de um familiar

Quatro das 6 mulheres menciona a morte de um familiar como ponto de viragem, (*Ai um ponto de viragem? Acho que foi o falecimento da minha mãe, é... quando ela faleceu em 98, nossa, faltou-me o chão - 17_c2*), (*Morrer os meus filhos foi para uma vida muito mal para mim - 18_c5*).

3.2.2. Gravidez

Uma das 6 reclusas refere que saber que estava grávida mudou a sua vida (*No dia em que o menino colocou a mão na minha barriga... [risos] Que soube que estava grávida? (...) Que soube que estava, que tive a certeza mesmo foi - 09_c2*).

3.2.3. Relação com a mãe

Uma das 6 reclusas refere que resolver os seus problemas com a mãe mudou a sua vida para melhor (eu acho que foi quando eu perdoei a minha mãe. E quando eu pedi perdão a ela. Acho que foi um grande momento (...) a partir do momento que eu perdoei ela, eu deixei de conviver com aquele sentimento, com aquela angústia que eu tinha, que era do porquê ela ter ido embora e não me ter levado - 27_c2).

3.3. Relação com companheiro.

Esta categoria está dividida em duas subcategorias, e 6 das 41 mulheres menciona que a relação com o companheiro se tornou um ponto de viragem para si - Terminar relação com companheiro (A) – diz respeito a uma mudança de cariz positivo para a reclusa, onde 3 das 6 mulheres referem que o termo de uma relação se mostrou uma viragem positiva na sua vida, pelo facto de ser tornar independente (*Mostrei a ele que podia e que podia sustentar-me a mim e à minha filha* - 06_c1), (*E depois disso foi a primeira vez que me vi assim... à minha conta. Mudou a minha vida.* - 11_c2); e, - Relação com companheiro (B) – diz respeito a uma mudança de cariz positivo e negativo na vida destas mulheres. 2 das 6 mulheres referem que conhecer o seu companheiro mudou a sua vida (*quando eu conheço meu marido* - 19_c5), (*foi quando conheci o meu terceiro companheiro (...)ele era atencioso com os meus filhos, até fazia todas as vontades a eles* - 34_c4). Uma das reclusas refere que a sua relação mudou a sua vida para melhor e para pior (*mudou a minha vida para pior mudou de facto (...) houve um momento em que mudou para melhor, obviamente. Sim, mudou para melhor e quando, quando... enquanto não passou para o final, enquanto nós estávamos juntos. Enquanto era namoro. Novo, só que... pelos vistos mudou para pior* - 41_c5).

3.4. Crime e comportamentos desviantes

Nesta categoria, 3 das 41 reclusas referem o crime como ponto de viragem para si, referindo que foi uma viragem negativa na sua vida (*foi quando eu comecei a traficar droga..* - 15_c2; *Entrar na vida da droga... vender droga. A minha vida destruiu-se completamente* - 33_c4).

3.5. Vinda para Portugal

Nesta categoria podemos verificar que 3 das 41 reclusas referem que a sua vinda para Portugal mudou as suas vidas: levando-as à prisão (*foi, foi vir a Portugal que a minha vida mudou radicalmente, não, acho que, não só porque estou aqui dentro mas*

também pela pessoa que pela qual eu vim cá parar que deixou-me completamente desiludida, e não sei... depois vim presa e aqui aprendi muita coisa... - 26_c2), e, mudando a sua vida para melhor, no sentido de melhor qualidade de vida (Quando vim para Portugal a minha vida mudou porque... Em Cabo Verde não tinha possibilidade de comprar uma casa - 31_c4).

3.6. Consumo de droga

Uma das 41 reclusas refere que experimentar droga foi um ponto de viragem na sua vida, pois, deixou-a mal fisicamente (*pode ser a primeira vez que experimentei droga. Nem me lembro (...) lembro-me do dia que experimentei a heroína. Disso sim lembro-me, mas do resto não me lembro (...) porque me senti mal, mal, mal, mal, mal. Fisicamente, me pus malíssima. Vomitei tudo, pôs-me mal disposta mesmo - 03_c1*).

IV. Vinda para Portugal (cena da imigração) (anexo 8) – diz respeito à cena mais significativa relacionada com a vinda para Portugal. Apenas 11 em 41 das mulheres relata a sua vinda para Portugal. Está dividida em 4 categorias: **Chegada a Portugal – vivência positiva, Portugal associado ao crime, Prisão e Família.**

4.1. Chegada a Portugal - vivência positiva

De acordo com a análise das narrativas, podemos verificar que 4 das 11 reclusas estrangeiras fazem uma ligação positiva à sua vinda para Portugal, tanto a nível de beleza do país (*Fiquei feliz porque diziam que aqui era bonito e era mesmo! Eu tava no avião e vi aquelas luzes todas, uma cidade grande! Fiquei assustada porque a cidade é grande, lá em Cabo-verde é mais pequeno é diferente! Fiquei contente, foi um momento bom, muito bom mesmo (...) E achei, achei giro, bonito - 35_c4*) como de aproximação à família (*Uma pequena história...quando cheguei aqui gostei de Portugal (...) tinha um irmão que vivia aqui há 20 e tal anos e só foi a Cabo-verde uma vez. Foi em 2001 e em 2002 faleceu! É uma coisa que faz-me... fiquei tão feliz, feliz de conhecer a filha dele. Ela não tinha ido para Cabo-verde porque a mãe é portuguesa (...) conheci ela, fui viver com o meu irmão, que há muitos anos que não convivia com ele, só por telefone., momentos com outra pessoas - 33_c4*).

4.2. Portugal associado ao crime

Relativamente aos aspectos negativos da vinda para Portugal, 4 das 11 reclusas referem que as histórias que as marcaram na vinda para Portugal se associam ao

crime que cometeram (*Não sei... não sei... só o que eu fiz, o crime.* - 21_c3), (*fui apanhada, e começou... e eu disse “isto não está a acontecer”* - 28_c2).

4.3. Prisão

Podemos constatar que 3 das 11 reclusas referem que o que marcou a sua vinda para Portugal foi a prisão, o estar privada de liberdade, e situações ligadas à prisão (*Marcou-me muito porque eu tou presa* - 31_c4), (*eu estou aqui por infanticídio. Quando estava no Algarve eu já estava grávida, mas por causa da depressão eu não vi a minha gravidez* - 21_c3).

4.4.Família

Uma das reclusas refere que só veio para Portugal por motivos familiares e apenas para passar uns tempos no país (*Não...eu nunca vim para morar aqui mesmo. É assim, eu só vim por causa da minha filha, não ia ficar aqui para sempre (...)* *Eu até tinha o cartão de residente e podia pedir a nacionalidade e disse à minha filha “tu se quiseres fazes a nacionalidade, eu não quero eu vou embora, não vou ficar aqui muito tempo”. Vir assim para fazer compras de vez em quando, para mandar para lá... Em minha casa tem muitas coisas porque eu mandava toalhas e roupas para os meus filhos venderem lá, mandava tudo para eles vender. De vez em quando os meus filhos podiam vir buscar coisas se eles quisessem e eu vendia lá, nunca quis ficar aqui para sempre! Aqui é tudo muito caro! Lá se não tenho comida vou para casa da minha mãe, não pago renda, a vida é mais fácil! Por isso é que não trouxe os meus filhos. Imagina que eu tinha trazido um bebé pequenino? Fica difícil, depois tiravam-me os meus filhos como eu vi uma colega que acabou de sair daqui e não tinha os filhos. Tinha muita pena dela... Se fosse eu já tinha morrido.* - 32_c4).

IV. Discussão e Conclusões Finais

De acordo com os resultados apresentados anteriormente, podemos verificar que a grande parte das mulheres estrangeiras mencionam maioritariamente episódios relacionados com a família e a prisão como mais relevantes na sua vida. Segundo o estudo de Matos (2010), verificamos que de facto os temas gerais aos discursos das mulheres a cumprir pena nas prisões portuguesas variam entre a família, as relações sociais e a prisão, e, para além disso, verificamos ainda que os temas parecem ser transversais às mulheres na prisão, independentemente da nacionalidade.

Comparando as cenas de “High Point” e “Low Point”, podemos verificar que, em ambas as situações, as narrativas colocam grande ênfase na família e prisão.

Relativamente ao High Point, as narrativas destas mulheres giram principalmente em torno da família, e referem maioritariamente os nascimentos dos filhos como a melhor cena da sua história, também referem o nascimento do irmão, ou da neta ou mesmo a gravidez. Como podemos observar noutros estudos, os nascimentos são a narrativa mais comum quando questionado o melhor momento da sua vida (Matos, 2008). Podemos também verificar, que em certos momentos as mulheres descrevem aspectos menos positivos ligados aos nascimentos, por exemplo referindo que fez um aborto espontâneo. Podemos ligar a prisão a um aspecto negativo ligado ao melhor momento, pois, as reclusas fazem referência a estarem livres como momento mais feliz. Contudo, algumas reclusas referem a prisão como momento feliz no sentido que conheceram pessoas significativas para si. Em estudos com reclusas portuguesas reparamos que as reclusas fazem referência a momentos anteriores à prisão e anteriores ao crime (Matos, 2008). Menos relevante encontramos a relação com o companheiro, os tempos de escola/faculdade e a vinda para Portugal.

No que diz respeito ao Low Point, encontramos a família como ponto principal da pior cena da história de vida destas mulheres. As reclusas mencionam a morte de um familiar, doença de familiar, a separação dos filhos e má relação com o pai, como momentos tristes da sua vida. Seguidamente, referem a prisão como um momento infeliz nas suas vidas. Menos relevante, seguem-se a relação com companheiro, episódios de vitimação e condições de vida precárias. No estudo de Matos (2008) verificamos que a reclusão, emerge como principal ponto quando questionado o pior momento da sua vida, e os discursos variam em três momentos: “antes da reclusão”, “início da reclusão” e “decorrer da reclusão”. No estudo de Matos, podemos também referir como relevante o facto das mulheres mencionarem episódios de vitimação por parte de figuras masculinas como o pior momento da sua vida.

Relativamente ao ponto de viragem, que se traduz na mudança mais significativa na sua trajetória de vida, podemos verificar que a prisão é colocada em destaque, sendo o principal tema abordado pelas reclusas. As reclusas referem que a privação de liberdade se tornou positiva no sentido que lhes permitiu deixar a droga, ou que as ajudou a tornar-se mais fortes. Referem também que, no momento que saírem em liberdade será a mudança da sua vida. Seguidamente mencionam a família como ponto de viragem, ou a gravidez, ou a morte de um familiar ou a relação com a mãe. As reclusas referem também a relação com o companheiro como mudança na sua vida, ou o termo da relação ou a boa relação que mantém com o companheiro, a ligação ao mundo do crime como mudança negativa e os consumos de droga.

Por fim, relativamente à sua vinda para Portugal, apenas 11 das 41 reclusas fazem referência à sua vinda. Este momento é referido por mulheres estrangeiras que estavam a residir em Portugal, como é o caso das africanas. As restantes mulheres não fazem referência a este momento porque, na maioria dos casos, não houve uma vinda intencional para Portugal. Dos discursos das mulheres podemos criar dois grandes momentos, o primeiro que faz ligação a Portugal como uma experiência positiva – tanto a nível de beleza do país como de aproximação à família - e o segundo associado ao crime que cometeram (experiência negativa). Podemos, também, verificar as reclusas referem que o que marcou a sua vinda para Portugal foi a prisão e situações ligadas à mesma e, uma das reclusas refere que a sua vinda para Portugal estava relacionada com motivos familiares.

Podemos então verificar que os pontos mais altos de vida destas mulheres, de ordem positiva como de negativa, estão relacionados com a família e prisão. Podemos verificar que estes temas não são direccionados pela sua positividade ou negatividade, pois, a prisão pode surgir tanto a um nível negativo como positivo, como da mesma forma, de acordo com as narrativas, acontece com a família. Como referido anteriormente, a família e as relações sociais têm grande destaque na vida destas mulheres e, segundo Matos e Machado (2007) podemos identificar dois posicionamentos distintos que direccionam a reclusão para uma “paragem” na sua trajetória atribuindo-lhe um significado negativo, e, em contrapartida, para outras mulheres a reclusão mostra-se como um ponto de viragem positivo nas suas vidas, pois, é o que as faz sair do mundo do crime em que estavam inseridas. Esta situação permite-nos concluir que o facto de serem estrangeiras não está patente nos seus discursos, e o que é relevante é o género, pois, as suas narrativas são bastante semelhantes às de outros estudos.

Uma das limitações deste estudo, deve-se à investigadora apenas ter acesso às entrevistas elaboradas às reclusas e não ter sido possível a permanência e contacto da investigadora com estas mulheres no contexto prisional. Outra das limitações que podemos apontar , e visto ser um estudo sobre reclusas estrangeiras, é o facto de não encontrarmos diferenças relevantes nas narrativas das reclusas estrangeiras quando comparadas com outros estudos feitos às reclusas portuguesas, fazendo com que a nacionalidade perca relevância relativamente ao género.

V. Bibliografia

Almeida, A., Norte, C., Mortágua, M.J, Rosa, M.J, Silva, P & Santos (2004) *O impacto da imigração nas sociedades da europa*. Um estudo para a rede europeia das migrações.

Amaral, J. (2008) *Competências Sociais e Pessoais: Actividades Prisionais num estabelecimento Especial da Região Norte*. Universidade Fernando Pessoa. Porto

Cunha, M. I.P. (2007) *A reclusão segundo o género : os estudos prisionais, a reclusão de mulheres e a variação dos contextos da identidade*. Educar o Outro: As Questões de Género, dos Direitos Humanos e da Educação nas Prisões Portuguesas. Coimbra. Publicações Humanas: pp. 80-89.

Cunha, M. I.P. (1994). *Malhas que a reclusão tece. Questões de identidade numa prisão feminina*. Lisboa, Cadernos do Centro de Estudos Judiciários.

Estatísticas prisionais. Direcção Geral dos Serviços Prisionais. Disponível em: <http://www.dgsp.mj.pt/> [consultado em: 5/02/2012].

Esteves, A., & Malheiros (2001) *Os cidadão estrangeiros nas prisões portuguesas: “sobre-representação” ou ilusão?*. Lisboa, Edições Colibri, pp.77-102.

Fonseca, C. (2010) *Crime e castigo: As Mulheres na prisão*. Coimbra: Almedina.

Frinhani & Souza (2005) *Mulheres encarceradas e espaço prisional. uma análise de representações sociais*.

Frinhani, F. M., & Souza, L. (2005). *Mulheres encarceradas e espaço prisional: Uma análise das representações sociais*. Psicologia: Teoria e Prática, 7(1), 61-79.

Gomes, I. (2008), *Maus-tratos, droga e criminalidade: uma trilogia no feminino*. Dissertação de Mestrado em Medicina Legal e Ciências Forenses, apresentada à Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina de Lisboa.

Guia, M. J. (2010), *Imigrantes e Criminalidade Violenta em Portugal: Que relação?*.

Matos, R., Machado, C. (2012) *Criminalidade feminina e Construção do género: Emergência e consolidação das perspectivas feministas na Criminologia*.

Matos, R., Machado, C. (2007) *Reclusão e laços sociais: discursos no feminino*. *Análise Social*. Vol.XLII, 1041-1054.

Matos, R. (2011). *Mulheres e Cumprimento de Pena: Contributos para reflexão*. A Justiça em Análise: Aspectos jurídicos, sociais e psicológicos do cumprimento das penas. Universidade Fernando Pessoa.

Matos, R. (2008). *Vidas raras de mulheres comuns: percursos de vida, significações do crime e construção da identidade em jovens reclusas*. Coimbra: Almedina.

Matos, R. (2008) *Actuação Policial e o fenómeno Criminal Feminino: um estudo exploratório na cidade do Porto*. Mestrado em Ciências Forenses. U.Porto

Matos, R., Machado, C., Barbosa, M. & Salgueiro, G. (2010), *Trajectórias de Vida de Reclusas de Nacionalidade Estrangeira em Portugal*

Moreno, A., Sousa, T. (2008) *A prisão no feminino: Trajectórias e perfis das reclusas de Tires*. Celta Editora.

Mulheres na prisão. JULITA LEMGRUBER & LEONARDO LEÃO DE PARIS.
Disponível em:

http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/images/stories/PDF/noticias2011/not_deolho/globo25072011_mulheres_presas_julitaleonardo.pdf [consultado em: 13/12/2011]

Pimentel, E. (2008) *Criminologia e feminismo: um casamento necessário*. Universidade de Lisboa. VI congresso português de sociologia

Seabra H. M. & Santos, T. (2005). *Criminalidade de estrangeiros em portugal – um inquérito científico*. Porto: ACIME - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Seabra H. M. & Santos, T. (2006). *Reclusos estrangeiros em portugal - esteios de uma problematização*. Porto: ACIME - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

VI. Anexos

Anexo 1 : Estrutura etária dos reclusos por sexo e nacionalidade

Direção-Geral dos Serviços Prisionais
Direção de Serviços de Planeamento e Relações Externas

Estrutura etária dos reclusos por sexo e nacionalidade

(1º trimestre de 2012)

Idade	Homens						Mulheres						TOTAL	
	Portugueses		Estrangeiros		Total		Portugueses		Estrangeiros		Total			
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
16 - 18	62	0,6	18	0,7	80	0,6	4	0,7	1	0,6	5	0,7	85	0,6
19 - 20	201	2,0	96	3,9	297	2,4	7	1,2	5	2,8	12	1,6	309	2,3
21 - 24	953	9,5	345	14,0	1298	10,4	32	5,7	23	12,7	55	7,4	1353	10,2
25 - 29	1752	17,4	460	18,6	2212	17,6	81	14,3	29	16,0	110	14,7	2322	17,5
30 - 39	3372	33,5	826	33,4	4198	33,5	173	30,6	62	34,3	235	31,5	4433	33,4
40 - 49	2268	22,5	520	21,0	2788	22,2	170	30,1	39	21,5	209	28,0	2997	22,6
50 - 59	1060	10,5	179	7,2	1239	9,9	74	13,1	18	9,9	92	12,3	1331	10,0
Mais 60	400	4,0	27	1,1	427	3,4	24	4,2	4	2,2	28	3,8	455	3,4
TOTAL*	10068	100	2471	100	12539	100	565	100	181	100	746	100	13285	100

*Estão contabilizados 140 (125 homens e 15 mulheres) reclusos inimputáveis internados em Estabelecimentos Psiquiátricos Não Prisionais.

Anexo 2: Nacionalidade dos reclusos por sexo e idade

Direção-Geral dos Serviços Prisionais
Direção de Serviços de Planeamento e Relações Externas

Nacionalidade dos reclusos por sexo e idade
(1º Trimestre de 2012)

Sexo e idade	HOMENS				MULHERES				TOTAL	
	Idade		Total		Idade		Total			
	16-20	21 e mais	n	%	16-20	21 e mais	n	%	n	%
TOTAL DE RECLUSOS*	377	12162	12539	100	17	729	746	100	13285	100
RECLUSOS PORTUGUESES	263	9805	10068	80	11	554	565	75,74	10633	80,0
RECLUSOS ESTRANGEIROS	114	2357	2471	19,7	6	175	181	24,3	2652	20,0
Países da África	75	1326	1401	56,7	1	61	62	34,3	1463	55,2
Angola	8	198	206	8,3		3	3	1,7	209	7,9
Cabo Verde	48	723	771	31,2		45	45	24,9	816	30,8
Guiné		17	17	0,7			0	0,0	17	0,6
Guiné Bissau	13	218	231	9,3	1	4	5	2,8	236	8,9
Marrocos	2	46	48	1,9		4	4	2,2	52	2,0
Moçambique		14	14	0,6			0	0,0	14	0,5
Nigéria		31	31	1,3		2	2	1,1	33	1,2
S. Tomé e Príncipe	3	38	41	1,7			0	0,0	41	1,5
Outros	1	41	42	1,7		3	3	1,7	45	1,7
Países da América do Sul	19	352	381	15,4	3	44	47	26,0	428	16,1
Argentina	1	7	8	0,3			0	0,0	8	0,3
Brasil	15	291	306	12,4	2	29	31	17,1	337	12,7
Colômbia		18	18	0,7			0	0,0	18	0,7
Venezuela	1	20	21	0,8		9	9	5,0	30	1,1
Outros	2	26	28	1,1	1	6	7	3,9	35	1,3
Países da Europa	20	630	650	26,3	2	65	67	37,0	717	27,0
Alemanha		11	11	0,4			0	0,0	11	0,4
Bulgária	1	13	14	0,6		1	1	0,6	15	0,6
Espanha	3	126	129	5,2		24	24	13,3	153	5,8
França	1	37	38	1,5		5	5	2,8	43	1,6
Grã-Bretanha		19	19	0,8		1	1	0,6	20	0,8
Holanda		33	33	1,3		1	1	0,6	34	1,3
Itália	1	15	16	0,6		2	2	1,1	18	0,7
Moldávia		27	27	1,1			0	0,0	27	1,0
Roménia	13	219	232	9,4		20	20	11,0	252	9,5
Rússia		12	12	0,5			0	0,0	12	0,5
Ucrânia	1	58	59	2,4		1	1	0,6	60	2,3
Outros		60	60	2,4	2	10	12	6,6	72	2,7
Outros países		39	39	1,6		5	5	2,8	44	1,7

*Estão contabilizados 140 (125 homens e 15 mulheres) reclusos inimputáveis internados em Estabelecimentos Psiquiátricos Não Prisionais.

Anexo 3: Reclusos Condenados segundo os crimes, o sexo, a idade e a nacionalidade

Direção-Geral dos Serviços Prisionais
Direção de Serviços de Planeamento e Relações Externas

Reclusos Condenados segundo os crimes, o sexo, a idade e a nacionalidade

(1º trimestre de 2012)

Sexo/Idade	Homens												Mulheres												TOTAL					
	Portugueses						Estrangeiros						Portuguesas						Estrangeiras											
	16-20 anos		21 mais anos		TOTAL		16-20 anos		21 mais anos		TOTAL		16-20 anos		21 mais anos		TOTAL		16-20 anos		21 mais anos		TOTAL							
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%						
Crimes Contra as Pessoas	28	20,4	2176	26,2	2204	26,1	8	24,2	345	21,3	353	21,4	2557	25,3	3	0,0	81	19,1	84	19,5	0	0,0	8	8,7	92	17,6	2649	24,9		
Abuso sexual		0,0	225	2,7	225	2,7		0,0	23	1,4	23	1,4	248	2,5		0,0	5	1,2	5	1,2	0	0,0	0	0,0	5	1,0	253	2,4		
Homicídios	7	5,1	897	10,8	904	10,7		0,0	152	9,4	152	9,2	1056	10,5	1	0,0	42	9,9	43	10,0	0	0,0	6	6,5	6	6,5	49	9,4	1105	10,4
Ofensas à integridade física	2	1,5	295	3,6	297	3,5	3	9,1	27	1,7	30	1,8	327	3,2	1	0,0	8	1,9	9	2,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	9	1,7	336	3,2
Violação	4	2,9	161	1,9	165	2,0	4	12,1	37	2,3	41	2,5	206	2,0		0,0	0	0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	206	1,9
Violência doméstica	1	0,7	95	1,1	96	1,1		0,0	14	0,9	14	0,8	110	1,1		0,0	3	0,7	3	0,7	0	0,0	0	0,0	3	0,6	113	1,1		
Outros	14	10,2	503	6,1	517	6,1	1	3,0	92	5,7	93	5,6	610	6,0	1	0,0	23	5,4	24	5,6	0	0,0	2	2,2	2	2,2	26	5,0	636	6,0
Crimes Contra os Valores e Interesses da Vida em Sociedade	1	0,7	626	7,5	627	7,4	0	0,0	116	7,2	116	7,0	743	7,4	0	0,0	32	7,5	32	7,4	0	0,0	3	3,3	35	6,7	778	7,3		
Incêndio		0,0	16	0,2	16	0,2		0,0	2	0,1	2	0,1	18	0,2		0,0	2	0,5	2	0,5	0	0,0	0	0,0	2	0,4	20	0,2		
Outros	1	0,7	610	7,3	611	7,2		0,0	114	7,0	114	6,9	725	7,2		0,0	30	7,1	30	7,0	0	0,0	3	3,3	3	3,3	33	6,3	758	7,1
Crimes Contra o Património	83	60,6	2429	29,3	2512	29,7	21	63,6	365	22,5	386	23,4	2898	28,7	1	0	97	22,8	98	22,7	0	0,0	11	12,0	11	11,96	109	20,84	3007	28,3
Roubo	56	40,9	1135	13,7	1191	14,1	20	60,6	264	16,3	284	17,2	1475	14,6	0		33	7,8	33	7,7	0	0,0	9	9,8	9	9,8	42	8,0	1517	14,3
Furto simples e qualificado	26	19,0	1165	14,0	1191	14,1	1	3,0	87	5,4	88	5,3	1279	12,7	0	0	43	10,1	43	10,0	0	0,0	1	1,1	1	1,1	44	8,4	1323	12,5
Outros	1	0,7	129	1,6	130	1,5		0,0	14	0,9	14	0,8	144	1,4	1	0,0	21	4,9	22	5,1	0	0,0	1	1,1	1	1,1	23	4,4	167	1,6
Crimes Relativos a Estupefacientes	10	7,3	1262	15,2	1272	15,1	2	6,1	625	38,6	627	37,9	1899	18,8	1	0	179	42,1	180	41,8	0	0,0	70	76,09	70	76,1	250	47,8	2149	20,2
Tráfico (artº 23º e 24º a) e artº 21º b))	7	5,1	1092	13,2	1099	13,0	1	3,0	598	36,9	599	36,2	1698	16,8	1	0,0	163	38,4	164	38,1	0	0,0	67	72,8	67	72,8	231	44,2	1929	18,2
Associação Criminosa (artº 26º b))		0,0	1	0,0	1	0,0		0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,0	0	0,0	0	0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,0
Tráfico de menor gravidade (artº 25º b))	3	2,2	147	1,8	150	1,8	1	3,0	24	1,5	25	1,5	175	1,7	0		13	3,1	13	3,0	0	0,0	3	3,3	3	3,3	16	3,1	191	1,8
Precusores (artº 22º b))		0,0	0	0,0	0	0,0		0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Tráfico - Consumo (artº 25º a) e artº 26º b))		0,0	10	0,1	10	0,1		0,0	1	0,1	1	0,1	11	0,1	0	0,0	2	0,5	2	0,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,4	13	0,1
Outra (Dec. Lei 430/83 de 13 de Dezembro e Dec. Lei 15/93 de 22 de Janeiro)		0,0	12	0,1	12	0,1		0,0	2	0,1	2	0,1	14	0,1	0	0,0	1	0,2	1	0,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,2	15	0,1
Outros Crimes	15	10,9	1809	21,8	1831	21,7	2	6,1	169	10,4	171	10,3	2002	19,8	1	0,0	36	8,5	37	8,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0	37	7,1	2039	19,2
Crimes rodoviários	15	10,9	919	11,1	934	11,1	1	3,0	86	5,3	87	5,3	1021	10,1	0	0,0	15	3,5	15	3,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	15	2,9	1036	9,8
Outros	7	5,1	890	10,7	897	10,6	1	3,0	83	5,1	84	5,1	981	9,7	1	0,0	21	4,9	22	5,1	0	0,0	0	0,0	0	0,0	22	4,2	1003	9,4
TOTAL	137	100	2202	26,8	2339	26,8	33	100	1336	19,6	1369	19,6	10599	100	9	0	429	100	438	100	0	0	92	100	92	100	923	100	19922	100

Estão contabilizados os crimes cometidos pelos 88 imputáveis internados em Estabelecimentos Psiquiátricos Prisionais e pelos 140 imputáveis internados em Estabelecimentos Psiquiátricos não Prisionais.

Anexo 4: Guião de Entrevista – Trajectórias de Vida de Reclusas Estrangeiras

(Matos, Machado, Barbosa & Salgueiro, 2010)

Guião de Entrevista – Trajectórias de Vida de Reclusas Estrangeiras¹

(Matos, Machado, Barbosa & Salgueiro, 2010)

**Código do
sujeito:**_____

**Nº interno do
recluso:**_____

Data da recolha:_____

Entrevistador:_____

Local da recolha:

¹ Projecto de Investigação financiado pela FCT (PIHM/VG/0036/2008)

Apresentação

- Apresentar os objectivos da realização da entrevista.
- Assegurar confidencialidade e uso exclusivo da informação para fins científicos.

I. História de vida

- Pedir história de vida desde o nascimento até ao momento actual.
- Tópicos a explorar, caso não sejam mencionados:

Tópicos	Instruções/ exemplos de questões
Contexto familiar e micro-social	<p>Explorar a estrutura do agregado, as dinâmicas relacionais, o envolvimento em actividades criminais e os contextos de residência.</p> <p><i>Com quem vivia?</i></p> <p><i>Como era a sua relação com os familiares?</i></p> <p><i>Problemas de familiares com a justiça? Por que motivos? Consequências para si e para a família?</i></p> <p><i>Como era a zona em que vivia?</i></p>
Contexto macro-social	<p>Explorar a dimensão cultural dos locais onde viveu (e.g.; papéis de género; legitimação de violência / crime)</p> <p><i>Como era ser mulher no seu país? Acha que em Portugal é diferente? Em que medida?</i></p> <p><i>Como é que eram vistas as mulheres que escapavam à lei?</i></p> <p><i>Em Portugal há cada vez menos tolerância em relação à violência contra mulheres e crianças. Sente que há diferenças entre Portugal e o seu país?</i></p>

<p>Percurso escolar</p>	<p>Explorar o percurso escolar do sujeito focando as interrupções e sentimentos relacionados com o contexto escolar.</p> <p><i>Como era a relação com a escola?</i></p> <p><i>Até que ano estudou?</i></p> <p><i>Porque abandonou a escola?</i></p> <p><i>Lembra-se de algum episódio marcante na vida escolar?</i></p>
<p>Ocupações</p>	<p>Explorar as ocupações do sujeito bem como aspectos relativos ao trabalho – motivações e interrupções.</p> <p><i>Que ocupações é que tinha antes de estar detida? (em Portugal e/ ou no país de origem)</i></p> <p><i>Trabalhava? Em quê? Porque foi trabalhar? Porque deixou de trabalhar?</i></p>
<p>Comportamentos desviantes</p>	<p>Explorar comportamentos desviantes, consumos de droga, relação entre crime e consumos.</p> <p><i>Envolveu-se alguma vez em actividades ilegais? Quem a acompanhava nesses momentos?</i></p> <p><i>Consumia algum tipo de substâncias? Como é que adquiria o produto? Qual o modo de consumo? Em que contextos aconteciam os consumos? Fez algum tratamento tipo de tratamento relacionado com os consumos?</i></p> <p><i>Havia relação ? De que tipo? Algum desses comportamentos precedeu o outro? Crime para consumo?</i></p>
<p>Experiências de vitimação/discriminação</p>	<p>Explorar experiências de vitimação em diferentes contextos (e.g., familiar, relações íntimas, contexto laboral, contexto da reclusão, no contexto social no país de origem e em Portugal) e as experiências de discriminação (em função</p>

	<p>do género e da nacionalidade).</p> <p><i>Viveu alguma situação em que foi vitimizada por parte da sua família/ cônjuge/no contexto laboral/ no contexto da reclusão/ socialmente?</i></p> <p><i>Houve alguma situação em que se sentiu discriminada por ser mulher ou devido à sua nacionalidade?</i></p>
Institucionalizações	<p>Abordar os diferentes tipos de instituições com as quais teve contacto, em Portugal e / ou no país de origem e / ou noutros países.</p> <p><i>Esteve em alguma instituição? Onde? Durante quanto tempo? Porquê?</i></p> <p><i>Como foi a vivência na instituição? Semelhanças / Diferenças com a prisão?</i></p> <p><i>Estar numa instituição no país de origem é diferente de estar numa instituição em Portugal? Em que medida?</i></p> <p><i>Esteve alguma vez presa noutro país? Acusada de que crime?</i></p>
Vinda para Portugal	<p>Se fizer sentido e não surgir como capítulo ou explicitamente em algum capítulo, explorar a vinda para Portugal.</p> <p><i>Quais os motivos que a trouxeram a Portugal?</i></p> <p><i>Em que condições veio / chegou?</i></p> <p><i>Como foi a sua vida durante o tempo em que viveu em Portugal?</i></p> <p><i>Teve contactos com a justiça antes da actual detenção?</i></p> <p><i>Que crime cometeu? Como aconteceu o momento do crime?</i></p> <p><i>Como foi descoberta/apanhada?</i></p>

II. Cenas significativas (adaptado de McAdams, Bowman, Lewis, Hart, & Cole, 1999)

Descrição em detalhe (*o que aconteceu, quem estava lá, o que pensou ou sentiu, e significado no contexto global da história de vida*) das seguintes cenas:

Tópico	Instruções
“high point”	Descrever uma cena de alegria, felicidade, afectos positivos; a melhor cena da sua história.
“low point” ou experiência nadir	Descrever uma cena de tristeza, medo, afectos negativos; a pior cena da sua história.
ponto de viragem	Descrever uma cena em que a participante experimenta uma mudança de vida significativa.
cena da “imigração” / vinda para Portugal	Descrever a cena mais significativa relacionada com a vinda para Portugal (independentemente do estatuto).
cena da reclusão	Descrever a cena mais significativa relacionada com a reclusão.
cena do crime	Descrever a cena mais significativa relacionada com o crime.

III. Personagens (**adaptado de McAdams, Bowman, Lewis, Hart, & Cole, 1999**)

Perceber que personagens foram mais marcantes na história de vida das reclusas.

Tópico	Instruções
Principal influência positiva na sua história (pessoa ou instituição)	<i>Na sua história de vida, qual a pessoa ou instituição que teve sobre si uma influência positiva mais marcante/principal?</i>
Principal influência negativa na sua história (pessoa ou instituição)	<i>E a influência negativa mais marcante foi protagonizada por quem/ que instituição?</i>

IV. Argumento para o futuro (**adaptado de McAdams, Bowman, Lewis, Hart, & Cole, 1999**)

Explorar como os sujeitos perspectivam o futuro.

Para onde se encaminha a sua história? O que vai acontecer a seguir à reclusão? Onde é que se vê no futuro? Objectivos para o futuro.

Avaliação do processo

Convidar o sujeito a colocar-se perante o procedimento de um ponto de vista avaliativo.

Perguntar o que achou da entrevista.

.

Anexo 5: Tabela de categorização – High Point

High Point			
Categoria	Subcategoria	Código	Excertos
Nascimentos		02_37F_1	E: Quando nasceu a minha primeira filha... G: A mais velha... E: Não senti dor, só senti satisfação! G: Hum [risos] E: De verdade, para mim foi o mais bonito...da minha vida G: Foi o melhor! E: O melhor da minha vida! Dar à luz pela primeira vez...
		03_40F_1	E: oh pah... momentos felizes... tive, tive na minha vida, tive muitos. Só posso dizer um, o nascimento dos meus filhos. Fiquei muito contente. Fiquei muito contente porque, porque eu tive o meu filho no hospital de Cascais.
		04_39F_1	nesta entrevista não foram incluídas as cenas por motivo de interrupção
		05_45F_1	E: O momento em que tive o meu filho! G: Porquê? E: Porque eu queria tê-lo. G: Foi um filho planeado? E: Sim. G: Estava tudo bem com o sei marido na altura? E: Sim, estávamos muito bem e quando nasceu o meu filho eu estava bem e foi o mais bonito que me aconteceu na vida. Quando o tive nos braços, não houve nada tão bonito na minha vida.
		06_57F_1	E: A mais feliz... quando estava grávida da minha filha e tive a minha primeira filha. Porque eu sempre desejei estar grávida e tive muitos abortos espontâneos... Tive muitos problemas para engravidar. G: Então foi por isso que não tirou o bebé quando o seu marido queria que abortasse? E: Não tirei porque eu já passei por coisas... eu era para ter três filhos mas o primeiro morreu com 5 meses dentro da minha barriga e depois disso eu... sempre desejei uma criança. G: Quantos anos tinha nessa altura? E: Nessa altura tinha 19 ou 20 anos. G: E não foi com o pai da sua primeira filha? E: Não, foi com outro. G: Então esse momento de saber que estava grávida e depois a altura do nascimento foi o mais importante para si? E: Sim.
		07_58F_1	E: Quando nasceu a minha filha... G: A primeira filha... quando nasceu a sua... só tem uma? E: Sim... E: Foi o dia mais maravilhoso... E: Al porque queria ter um filho e foi... é o mais bonito quando o tens em teus braços... és mãe? E: Tens dores, tens tudo mas uma vez que tens a tua filha é o mais bonito, apesar de que eu tinha problemas isso foi o mais bonito para mim e o voltaria a ter mesmo que fosse sem pai, não me importaria!
		08_59F_1	E: - Se calhar a primeira vez que tive filho nas mãos. G: - O que sentiu nesse momento? E: - Não sei... chorei... G: - Estava emocionada? E: - Sim.
		09_34F_2	E: Ali Mas são todos em relação a ele [filho]... E: O mais feliz de toda a minha vida foi o dia 19 de Abril... G: O que é que aconteceu? ele nasceu? E: Foi ele ter nascido... E: Nossa senhora, de ver, de ver ele sair sabe? a sorte e eu ainda levei epidural para não ter a lembrança da dor, porque eu odeio passar dor... então de eu ver ele saindo aquilo para mim foi, foi coisa que eu não conseguia chorar, eu não conseguia rir, eu não conseguia fazer de, de... eu só de lembrar, de ver aquela cena já eu só, a única coisa que me deixa, me entristece um pouco foi de eu saber que do lado de fora daquela porta não era a minha família que estava me esperando... que o rosto que ele ia ver não era, não era ninguém conhecido, era guardas ou os médicos, mas eu tentei não pensar nisso, tentei apenas me focar nele, sabe?, e fazer com que ele sentisse que ele ia ter todo o amor que eu posso, mais do que eu posso dar para ele, que é o que eu tento fazer sabe... G: E o pai dele ficou feliz também? E: Ficou muito feliz, ficou muito feliz, mandei umas fotos para ele, tudo o que eu pude mandar mandei, as mãozinhas dele sabe? e escrevia muitas cartas para ele... ele também sempre escreveu muitas cartas para mim, cheias de corolida, cheias de desenhos, cheias de "I love you". E: Então... mas só que é assim, tem eu antes de ser mãe e tem eu depois de ser mãe e eu como mãe eu me considero totalmente diferente daquela pessoa que eu era, entende? É sempre, sempre escrevi nas cartas para ele, que todo o ser humano tem o livre arbitrio, tem duas escolhas para se fazer, eu dei opção para ele, eu falei "eu não te obrigo a fazer nada porque a minha obrigação é cuidar dele para o resto da minha vida, quando o tempo puder ou quiser ou se deus quiser?" entende? Mas ele não! ele não tem, se ele quiser ele não tem essa obrigação, então ele podia escolher ou voltar a usar droga ou voltar para aquela vida que a gente levava ou ficar comigo e com ele! Entende? Sempre todas, sempre todas as cartas eu escrevia para ele e ele falava "ai não, eu escolhi você porque te amo papa pum..." mas só que saiu da cadeia e voltou a ser preso pelas, segundo as informações que eu recebi, voltou a ser preso e estava num hospital quase em coma, por causa de um surto de droga... então ele fez a escolha dele então já é um capítulo à parte na minha vida, entende? Por isso eu quando sair daqui vou pagar o meu filho, vou voltar para o interior, onde eu vou ter toda a assistência do mundo, sabe?, vou ter a minha família, eu tenho contacto com a minha família agora eu com a minha mãe sou uma pessoa totalmente diferente, a minha mãe mesmo acha sabe pelo telefone já é... é outra coisa, mudou essa criança mudou não só a mim, mudou até as pessoas que me rodeavam sabe? minha própria mãe sempre chora quando fala do meu filho pelo telefone... ela ainda não ouviu a voz dele porque ele não fala... [risos] mas só que ela fica super emocionada...
		11_14F_2	E: - [fica pensativa] O dia mais feliz da minha vida? Mais feliz da minha vida... se calhar foi quando soube que estava grávida. G: - Quando é que soube? E: - Foi um Junho de 2009, mas essa alegria não durou quase nem um dia porque depois fui fazer uma eco e tinha tido um aborto. G: - Oh... Teve um aborto espontâneo... E: - Sim...
		13_17F_2	E: - Mais feliz da minha vida... O nascimento dos meus filhos foi sempre feliz!
		14_04F_2	E: foi no momento que eu tive o meu filho. G: o que é que sentiu nesse momento? E: uma felicidade incomum. Não sei explicar... G: nunca tinha sentido... E: nunca tinha sentido na vida...
		15_33F_2	E: Foi quando ganhei o primeiro filho... E: Porque... foi uma emoção de ser mãe
		16_60F_2	E: foi quando eu tive a minha primeira filha. G: quando teve a sua primeira filha, porquê? E: é. Porque a minha mãe saiu a única mulher, logo a seguir eu fui a única mulher, depois tive uma filha, o meu marido dizia 'é varão, é varão, vai ser um macho' então eu não fiz a sonografia que era para ver
		19_64F_5	E: tem dois. Quando o meu filhos nasceram. G: ficou muito feliz, porquê? E: sim, porque nunca pensei... este bebé nasce de dentro de meu corpo, isso é uma coisa boa para mim. Porque agora quando eles nascem agora eu só vivo para meus filhos, mais nada. Só para eles. Faz tudo para eles. Falta-me muito quase porquê, não fica com eles agora. Isso é mais melhor coisa na minha vida, os meus filhos. G: estava-me a dizer que tinha duas coisas... E: os meus dois filhos.
		20_49F_3	E: - Mas penso que a maior felicidade foi quando tive os meus filhos. G: - Porquê? E: - Não sei... Isto ficou-me assim... sabes? A primeira filha, eu era apaixonada por aquela menina. Quando tive a primeira filha eu não acreditava, ela parecia uma boneca, não acreditava que era mesmo uma menina! Essa foi a maior felicidade, a coisa mais linda do mundo, são as minhas filhas. Também era feliz com o meu marido, era casada e tudo... mas os filhos... é diferente, não sei, não os consigo tirar do coração, da mente.
		22_44F_3	E: ... como se diz?... o nascimento do meu irmão porque é o meu único irmão. G: Ai?! E quantos anos tem ele agora? E: P'rai 11 anos... G: Então quando ele nasceu a Ana tinha... ?? Lembra-se bem? porque é que ficou muito feliz? E: Porque tenho mais irmãos, p'rai três... e só um rapaz. G: Querias um rapaz era? E: Sim e se fosse mais velho era ainda melhor! Assim não se tinha portado tão mal! [risos]
			E: - Foi este o o nascimento da primeira neta. E: - A primeira foi mais emocionante que as duas segundas. A primeira neta... prontos... foi uma experiência... eu não sabia o que era ter uma neta. E depois... eu praticamente não me lembro das minhas gravidez porque tive sempre a minha mãe à volta... até hoje, acredita, tenho vagamente a ideia de mim grávida, não me lembro! Não me lembro, era muito nova, então o mais velho tive com 18, a menina depois tive com 24...mas a menina é a última. O Omar, que é aquele que morreu, eu tive com... com... entre 20 e 22... por aí.

Família

Momentos em família

24_67F_4	G.: Era nova, é isso? Não se lembra bem... E.: Sim, fui sempre sendo aparicada, era a sogra, a mãe... Então não me lembro. G.: Então viveu mais a gravidez da sua filha... E.: Mesmo da minha filha, 'tô-lhe a dizer, nem isso eu 'tava lá também, eu vivi mais foi o nascimento desta neta. E depois a minha filha não a queria ter. Um dia eu 'tava em Tires, ela foi lá e eu disse "filha, sonhei contigo grávida". E ela tinha ido lá para me dizer. Eu disse "se tiveres mesmo não o tires porque Deus sabe que eu 'tô aqui e que sou o teu suporte se ele quer que sejas mãe, vais ser mãe." Porque eu sempre fui contra o aborto, mas ela não queria, não queria, não queria de maneira nenhuma! Queria acabar os estudos, queria acabar o curso, queria acabar a carta de condução... então eu disse "faz de conta que tu és uma barriga de aluguer. Tem e dá-me". E ela fez isso. No dia em que deu à luz eu já estava na rua e ela teve-a e disse "tome mãe, é a sua prenda que eu vou continuar a estudar". E agora eu 'tô aqui e ela está com a menina, graças a Deus pu-la numa boa escola, o meu irmão 'tá a ajudar, esse que 'tá casado em Espanha... e vai busca-la a casa de manhã, sai de lá às 7 e volta às 7 da noite, come lá e faz tudo, e a minha filha continua os estudos dela. Só tem de estar em casa às 7 para pronto... E.: Para a receber.
27_27F_2	E.: os nascimentos dos meus filhos. R.: de todos? E.: foi. R.: porquê? Foram sempre momentos de alegria, positivos? Podiam não ser, não era? E.: é, a minha primeira filha foi engraçado que ela nasceu pelos pezinhos. Ela... um dia antes, dois dias antes eu me senti mal virei pró marido 'vamos me levar para o hospital' só que ele no caminho bateu o carro, e eu levei aquele susto tão grande que a menina virou. E fui to hospital e fiquei 2 dias internada, e o médico não se apercebeu que ela tinha virado. E entrei em trabalho de parto às 8h da manhã e ela só nasceu às 6h30 da tarde. Já não tinha mais força. E ele só me levou para o centro cirúrgico quando viu o pezinho dela a sair para fora, e já correram mas 'mãe é assim vai ser um parto difícil mas vai ser normal' e eu, primeiro filho e eu 'tá bem', foi difícil, sai daí esgotada. Mas do meu segundo não, já foi mais simples. Eu contei as contrações, dei entrada no hospital às 4h40 da tarde, quando foram 8h30 da noite ele nasceu. Da L. também foi meio complicado, a de 10 anos, que ela também demorou muito a nascer, eu entrei no hospital 5h da manhã e ela nasceu 6h da tarde, complicado. E a minha V. que nasceu de cesariana, foi obrigada a fazer uma cesariana porque estava com as tensões muito altas e estava a fazer uma eclampsia. Mas cada um foi um momento assim... bom.
28_27F_2	E.: O nascimento da minha primeira filha... E.: Sim porque foi a primeira ventação... dos meus três filhos a única que tive por parto normal foi ela, as outras as dores eram muito fortes e foi por cesariana mas foi algo... foi algo muito especial, o parto foi um parto normal e rápido e foi gravado e eu a vendo pouco a pouco eu tive, a mãe, o pai dos meus filhos deu-me toda a atenção durante a minha primeira gravidez e acho que das minhas três gravidezes foi a melhor, o nascimento da minha filha foi algo que me fez sentir-me realizada como mulher... e sempre disse, não foi uma gravidez por erro, não! Decidi ter um filho... R.: e quem é que estava na altura do parto? E.: Na altura do parto o pai dos meus filhos... R.: Estava o pai? E.: O pai e o pai dele... R.: Pedindo-lhe para pensar no melhor foi esse! E.: Sim
30_128F_T_1	E.: ai quando tive o meu filho. G.: sim? O que significou para si? E.: para mim significou tudo. O melhor era saber que dentro de mim estava ser formada uma vida do meu próprio sangue. E ve-lo a sair de dentro de mim, porque foi um parto natural, e ve-lo a sair com toda a dor e como deve ser (riso) e te-lo nos meus braços, senti o seu calor, fiquei feliz da minha vida. Não foi o casamento, mas claro, era o meu primeiro filho.
31_29F_4	E.: Olha, quando nasceu a minha filha. (Risos) E.: Lá em Cabo Verde o meu filho não era como eu queria, queria dar tudo, poder fazer tudo e não podia... Aqui eu podia dar tudo o que ela queria, fazer tudo... passeava... G.: E o momento mais especial foi quando ela nasceu? E.: Sim. G.: E foi muito especial porque conseguia dar-lhe coisas que não conseguia dar ao seu filho em Cabo Verde? E.: Sim e aqui em Portugal tem mais coisas que lá... de comer, de viver... G.: E o pai dela visita-a lá na instituição? Eles têm contacto? E.: Sim. G.: Ele só não entra em contacto consigo, com a filha mantém contacto. E.: Sim.
34_114F_T_4	E.: foi quando os meus filhos nasceram. G.: quando os seus filhos nasceram? Os 4? E.: porque eu em grávida é uma altura em que eu estou mais calma. Mas pacifica nas amizades. E também acho que as pessoas mais atenciosas comigo. Por exemplo eu na gravidez do meu último filho, eu podia ter passado uma dificuldade enorme. Mas não.
36_45F_T_5	E.: mais feliz foi quando nasceu o filho... G.: foi quando nasceu o seu filho? E.: claro, claro... G.: porque que foi esse momento? E.: claro que... primeira vez na minha vida e... claro que já estava casada e... esperamos! G.: foi programado? E.: sim, foi programado, foi tudo e... e isso é o momento mais, mais... mais... feliz! Não vou dizer que o momento mais feliz... que somos humanos, que casamos e hoje não se dava bem com o marido e amanhã, tivemos conversa, tivemos não sei quê e problemas cada uma família...mas este é o momento mais... não posso dizer outro!
37_34F_T_4	Não encontrei dados...
39_12F_T_4	E.: O momento mais feliz da minha vida... foi quando eu... o primeiro filho como eu disse à senhora eu ainda não tinha a noção do que era ser mãe e depois foi uma coisa que aconteceu. Fiquei feliz sim, depois de o ter, depois de o meu filho ter nascido, comecei a sentir o que era mãe, o que era ter uma criança nos braços, apesar das dificuldades mas foi bom. Mas o momento mesmo mais feliz da minha vida foi quando eu tive o meu segundo filho. E mais feliz mais feliz foi quando eu trouxe esse meu segundo filho que ele 'tava lá com o meu irmão como eu disse a situação não é fácil. Eu pedi muito a nossa senhora de Fátima, que eu sou muito religiosa, católica, fui a Fátima, fiz promessa, e quando eu consegui aquilo senti que era uma coisa mais feliz assim que eu tive na minha vida, foi. G.: Porque que o seu segundo filho foi mais especial que o primeiro? Por ser mais velha? E.: Se calhar foi, tinha 23 anos na altura. G.: Foi planeado ou não? E.: Foi planeado. Já tava namorar e ele não tinha nenhum filho, queria ter filho, por isso eu senti mais, não sei explicar como mas... amo os dois, os dois são os meus filhos mas ali realmente que eu senti o que era ser mãe, que foi uma coisa desejada, já tinha mais idade, e... E.: Quando fazer o meu filho, quando fazer a minha filha
40_89F_T_3	E.: tive, tive em Tires. E os meus irmãos puderam vir desde Espanha vê-lo. Fiquei muito contente. Fiquei muito contente quando a minha mãe me viu pela primeira vez, com a minha filha. G.: então já veio a Portugal para a ver. E.: sim. G.: e trouxe a sua filha. E.: sim. Foi tantos momentos... G.: foram importantes para si porque a família estava junta. E.: sim, porque foram muitos anos. Muitos anos que não estivemos juntos. Desde que o meu pai faleceu nunca mais passei o Natal com a minha família. O meu pai faleceu em 2003 estamos em 2010, nunca mais voltei a passar o Natal com a minha família. G.: mas porque? Escolheu assim? E.: estava revoltada com a vida, eu vivia revoltada com a vida. Não quis valorizar as coisas boas, só via o mal. Estava muito depressiva, muito amargurada, muito... não via as coisas boas das coisas. E.: Na minha vida foi feliz quando tinha todos os meus filhos a meu lado. G.: Não me consegue dizer um momento, uma situação em que estivesse mesmo muito feliz? E.: Não porque me lembro de serem muitas coisas que me faziam feliz... o natal... porque é a vez em que estamos em família, estamos todos juntos, estava feliz. G.: Tem uma família grande? E.: sim, passávamos eu, o meu pai, a minha mãe, os meus irmãos e meu avô. E.: Tem... um momento mais feliz, aquilo que eu mais gosto e eu mais quero é só se estivesse junto com meus filhos, do meu lado. Esse é que é para mim o momento mais feliz. Mais nada, nada... G.: Quando fez o aniversário da minha filha... do meu filho, do meu marido... não sei quê. E.: Gosta de preparar os aniversários para a sua família? E.: Normal. G.: Faz festas grandes? E.: Grande, grande não... tipo família de nós, fazer o bolo, sumo, não sei quê... assim.
15_33F_2	algo muito novo para mim, que me deu muita alegria... também quando a minha mãe foi operada, ela tinha um tumor na cabeça, e eu não conseguia, eu estava aqui no mês de Novembro, no princípio de Novembro de 2010, dia 6, dia 6 de Novembro... eu não conseguia falar com ela porque ela estava no... nos cuidados intensivos... não sei como se diz em Português, desculpa... e os telemóveis não são... E.: Foi
18_63F_5	feliz quando os meus filhos eram pequenos e estavam todos a meu lado.
22_44F_3	G.: Não me consegue dizer um momento, uma situação em que estivesse mesmo muito feliz? E.: Não porque me lembro de serem muitas coisas que me faziam feliz... o natal... porque é a vez em que estamos em família, estamos todos juntos, estava feliz. G.: Tem uma família grande? E.: sim, passávamos eu, o meu pai, a minha mãe, os meus irmãos e meu avô.
33_96F_T_4	E.: Tem... um momento mais feliz, aquilo que eu mais gosto e eu mais quero é só se estivesse junto com meus filhos, do meu lado. Esse é que é para mim o momento mais feliz. Mais nada, nada...
40_89F_T_3	G.: Quando fez o aniversário da minha filha... do meu filho, do meu marido... não sei quê. E.: Gosta de preparar os aniversários para a sua família? E.: Normal. G.: Faz festas grandes? E.: Grande, grande não... tipo família de nós, fazer o bolo, sumo, não sei quê... assim.
12_54F_1	algo muito novo para mim, que me deu muita alegria... também quando a minha mãe foi operada, ela tinha um tumor na cabeça, e eu não conseguia, eu estava aqui no mês de Novembro, no princípio de Novembro de 2010, dia 6, dia 6 de Novembro... eu não conseguia falar com ela porque ela estava no... nos cuidados intensivos... não sei como se diz em Português, desculpa... e os telemóveis não são... G.: Não dava para telefonar? E.: Sim, sim... ela não podia ter telemóvel lá... e no próximo dia quando ela me disse que tudo correu muito bem... G.: Também ficou aliviada? E.: Sim... porque eu sou muito próxima da minha mãe... acho que 7 de Novembro, no dia seguinte, quando conseguia falar com ela foi o melhor dia, não 7 de Janeiro... G.: Quando conseguiu falar com ela depois da operação? E.: Sim, sim! G.: Ela é a única pessoa que sabe que está presa, não é? E.: Ela é um amigo e uma amiga... G.: De resto a sua família não sabe? E.: Não, ninguém sabe e acho melhor porque a minha a família vai esquecer que eu não estava lá durante 2 anos e meio, 2 anos e 4 meses... G.: Eles acham que está a trabalhar aqui em Portugal? E.: Sim, mas... não vai esquecer, ninguém vai esquecer se soubessem que estava na prisão... sim, acho que é melhor, melhor para todos... G.: E a sua mãe nunca é mais mesmo assim?

Momentos relacionados com a família	35_41F_T_4	<p>E: Assim, eu acho que o momento mais feliz da minha vida... bem, isto não vai responder à sua pergunta mas eu depois respondo, vai ser o dia em que eu sair em liberdade, acho que esse dia vai ser o...</p> <p>G: É uma coisa que ainda vai acontecer, que não aconteceu...</p> <p>E: Pronto, ainda vai acontecer mas traz muitas coisas de bom, que eu já não quero a droga, que eu já, que eu detesto a droga, detesto a coca, detesto a heroína, deixei a metadona aqui, a frio... nunca mais me vou mexer naquela merda...tenho... aqui aprendi que tenho uma mãe e uma família maravilhosas, que nunca me deixaram de lado, o que eu bem merecia de vez em quando, portanto eu acho que aquele momento vai ser o momento mais feliz e mais... radiante estar mesmo serena da minha vida mas até agora o momento mais feliz da minha vida... até agora... Não sei... eu acho que... que se calhar um dos momentos em que eu era pequenina, pequenina e...</p> <p>E: se calhar vai ser, o momento quando eu voltar para casa</p> <p>G: quando sair?</p> <p>E: sim. Porque uma semana atrás liquei para a minha mãe e ela disse 'filha a gente espera de ti. Espera que tu voltes mais rápida'.</p> <p>E: Mais feliz... mais feliz vai ser quando sair daqui. Vou ficar feliz, feliz da minha vida quando sair daqui para ficar livre. Eu nunca pensava um dia eu vinha parar na cadeia, porque nunca na minha vida... sempre trabalha, nunca tive problemas com a polícia, nem na Cabo Verde, nem aqui. Acho que se eu estava sozinha eu não tinha vindo parar aqui... o dia que eu fica feliz da minha vida é o dia em que eu sair daqui.</p> <p>E: Quando sair daqui... quando sair daqui e ficar perto dos meus filhos e do meu pai, não quero mais nada. Isto é a minha vida. Tenho muito, muito medo de ficar aqui e se penso muito... de noite fico a pensar, ideias fortes, ideias fortes no meu pai... tenho medo de sair e ele já não estar vivo. Os mais irmãos olha [faz o gesto de quem não se importa]</p>
	26_61F_2	<p>E: Olha, foram tantos os momentos mas um em particular foi, foi no dia quando eu fiz o meu décimo oitavo aniversário e discuti muito com um, com o meu irmão... ele me disse mas eu sei que não foi uma coisa dita com o coração, foi uma coisa dita assim, que eu não era sua irmã, que não eram irmãos de sangue e eu fiquei logo, sabes?, fiquei muito, muito, muito mal e dias depois... não! à noite a minha mãe chegou ao meu quarto e me disse, ela disse-me assim "tu podes não ser uma filha de sangue mas tu és a filha que eu sempre quis ter... és a filha do meu coração" isso foi um momento muito, muito particular que ela me falou de uma forma, como muitas pessoas, não te sei explicar, porque me falou como descrever? Hum... não sei... e eu acho que até uma mãe e uma própria filha não dizem a coisa bonita e o carinho e com tanto amor como aquele que naquela noite a minha mãe me disse... depois no dia a seguir o meu irmão pediu-me desculpa, que o que me tinha dito não foi com o coração, foi uma palavra sem, sem, sem nenhum sentido, "tu és minha irmã e serás sempre até à morte a minha irmã..." E, e... acho que foi esse o momento mais... mais, mais feliz...</p>
	41_127F_T_5	<p>E: deixa-me pensar... quando o meu irmão acabou do coma. Acordou do coma.</p> <p>G: o seu irmão esteve em coma?</p> <p>E: sim. Ficou com um problema neurológico.</p> <p>G: e depois quando ele acordou o que é que sentiu?</p> <p>E: senti... senti... senti sei lá.</p> <p>G: ficou muito feliz.</p> <p>E: sim.</p>
	20_49F_3	<p>E: Mais feliz da minha vida... Sempre, todos os dias antes de deste problema que tenho agora aqui...</p>
Prisão	10_07F_2	<p>E: Hum... o momento mais feliz da minha vida... que pergunta! [risos] Pensei que foi aqui, neste momento.</p> <p>G: Porque?</p> <p>E: Porque conheci uma grande pessoa que nunca pensei vir a conhecer.</p> <p>G: Então aqui, apesar de estar presa, também é um momento positivo da sua vida?</p> <p>E: Sim, é um momento muito feliz.</p>
	12_54F_3	<p>E: Oh eu sei... Dia 7 de Janeiro! [risos]</p> <p>G: O que é que aconteceu?</p> <p>E: Quando recebi o papel de que ia falar com o juiz...</p> <p>G: Ah! foi quando estava aqui?</p> <p>E: Sim, sim, sim...</p>
	13_17F_2	<p>Eu sei que não tenho a minha liberdade mas há um menino que me vem visitar que gosta muito de mim e eu dele! E acho que é agora...</p> <p>G: Como é que o conheceu?</p> <p>E: Conheci por uma amiga aqui... Ele é conhecido de uma amiga minha...</p> <p>G: Aqui no EP?</p> <p>E: Sim aqui no EP, ele vinha visitar essa minha amiga... E pronto. Ele vem visitar-me todos os fins-de-semana. Acho que o momento mais feliz é agora.</p> <p>G: Recebem visitas uma vez por semana?</p> <p>E: Sim, dois dias por semana, sábado e domingo. E aos feriados também.</p> <p>G: Ele vem cá visita-lo e parece ser uma boa pessoa, é isso?</p> <p>E: Sim.</p> <p>G: É português?</p> <p>E: É português.</p> <p>G: E há quanto tempo tem essa relação já?</p> <p>E: Há 4 meses.</p> <p>G: Então está feliz agora!</p>
	01_26F_1	<p>E: É assim, eu acho que o momento mesmo mais feliz da minha vida... bem, isto não vai responder à sua pergunta mas eu depois respondo, vai ser o dia em que eu sair em liberdade, acho que esse dia vai ser o...</p> <p>G: É uma coisa que ainda vai acontecer, que não aconteceu...</p> <p>E: Pronto, ainda vai acontecer mas traz muitas coisas de bom, que eu já não quero a droga, que eu já, que eu detesto a droga, detesto a coca, detesto a heroína, deixei a metadona aqui, a frio... nunca mais me vou mexer naquela merda...tenho... aqui aprendi que tenho uma mãe e uma família maravilhosas, que nunca me deixaram de lado, o que eu bem merecia de vez em quando, portanto eu acho que aquele momento vai ser o momento mais feliz e mais... radiante estar mesmo serena da minha vida mas até agora o momento mais feliz da minha vida... até agora... Não sei... eu acho que... que se calhar um dos momentos em que eu era pequenina, pequenina e...</p> <p>E: se calhar vai ser, o momento quando eu voltar para casa</p> <p>G: quando sair?</p> <p>E: sim. Porque uma semana atrás liquei para a minha mãe e ela disse 'filha a gente espera de ti. Espera que tu voltes mais rápida'.</p> <p>E: Mais feliz... mais feliz vai ser quando sair daqui. Vou ficar feliz, feliz da minha vida quando sair daqui para ficar livre. Eu nunca pensava um dia eu vinha parar na cadeia, porque nunca na minha vida... sempre trabalha, nunca tive problemas com a polícia, nem na Cabo Verde, nem aqui. Acho que se eu estava sozinha eu não tinha vindo parar aqui... o dia que eu fica feliz da minha vida é o dia em que eu sair daqui.</p> <p>E: Quando sair daqui... quando sair daqui e ficar perto dos meus filhos e do meu pai, não quero mais nada. Isto é a minha vida. Tenho muito, muito medo de ficar aqui e se penso muito... de noite fico a pensar, ideias fortes, ideias fortes no meu pai... tenho medo de sair e ele já não estar vivo. Os mais irmãos olha [faz o gesto de quem não se importa]</p>
Relação com o companheiro	23_03F_5	<p>E: se calhar vai ser, o momento quando eu voltar para casa</p> <p>G: quando sair?</p> <p>E: sim. Porque uma semana atrás liquei para a minha mãe e ela disse 'filha a gente espera de ti. Espera que tu voltes mais rápida'.</p> <p>E: Mais feliz... mais feliz vai ser quando sair daqui. Vou ficar feliz, feliz da minha vida quando sair daqui para ficar livre. Eu nunca pensava um dia eu vinha parar na cadeia, porque nunca na minha vida... sempre trabalha, nunca tive problemas com a polícia, nem na Cabo Verde, nem aqui. Acho que se eu estava sozinha eu não tinha vindo parar aqui... o dia que eu fica feliz da minha vida é o dia em que eu sair daqui.</p> <p>E: Quando sair daqui... quando sair daqui e ficar perto dos meus filhos e do meu pai, não quero mais nada. Isto é a minha vida. Tenho muito, muito medo de ficar aqui e se penso muito... de noite fico a pensar, ideias fortes, ideias fortes no meu pai... tenho medo de sair e ele já não estar vivo. Os mais irmãos olha [faz o gesto de quem não se importa]</p>
	32_18F_T_4	<p>E: Quando sair daqui... quando sair daqui e ficar perto dos meus filhos e do meu pai, não quero mais nada. Isto é a minha vida. Tenho muito, muito medo de ficar aqui e se penso muito... de noite fico a pensar, ideias fortes, ideias fortes no meu pai... tenho medo de sair e ele já não estar vivo. Os mais irmãos olha [faz o gesto de quem não se importa]</p>
	38_126F_T_3	<p>E: Quando sair daqui... quando sair daqui e ficar perto dos meus filhos e do meu pai, não quero mais nada. Isto é a minha vida. Tenho muito, muito medo de ficar aqui e se penso muito... de noite fico a pensar, ideias fortes, ideias fortes no meu pai... tenho medo de sair e ele já não estar vivo. Os mais irmãos olha [faz o gesto de quem não se importa]</p>
	16_60F_2	<p>Outro momento feliz foi quando compramos a casa, e era a minha casa, e eu me dediquei a minha casa, a nossa casa, e tinha a minha filha e estava tudo bem.</p> <p>E: estava muito feliz por ter uma casa sua.</p> <p>G: estava. A minha família gosta muito dele, porque ele é muito responsável e tal, mas a minha família dizia que eu não dei oportunidade por conhecer outra pessoa. Porque conheci este de menina, e conheci uma pessoa que era pobre e tal. Ele era pobre, mas trabalhamos os dois e eu tenho família. A minha família tinha um nível mais ou menos médio, não é muito baixo. E a dele a família dele era de um nível económico mais baixa que a minha. Então era isso que... era ignorância.</p> <p>E: mas gostava muito dele, era?</p> <p>G: e gosto muito dele ainda. E agradeço muito, muito. Porque o normal, o típico, quando a mulher vai viajar, o homem arranja outra e abandona tudo, abandona a casa, abandona o filho, abandona tudo. Ele vamos a ver se vai esperar ali como um santo não é? Mas por muito que faça a sua vida fora da casa, que a minha casa esteja intacta, que as minhas filhas e tudo o que respeita a toda essa minha paixão, logo que respeite tudo isso...</p> <p>G: não é qualquer homem que fazia isso...</p> <p>E: pois não. Tem dominicano que a mulher vem para Espanha e ele já queria uma moto, já quer um carro, já quer uma pistola, já quer um negócio, já quer ter muito dinheiro, e já anda dum sítio para o outro...</p> <p>G: ele não é assim.</p> <p>E: não, a gastar o dinheiro, não. Dou graças a Deus que de tudo o que perdi, não o perdi a ele. Sempre quando ele telefona me dá muita força. Dou graças a Deus por isso.</p>
Tempos de escola/faculdade	30_128F_T_1	<p>G: e com o seu companheiro, com o seu marido, corria tudo bem? Não houve episódios de violência?</p> <p>E: não, não, não. Porque eu tenho muito carácter. E ele é o contrário, é muito tranquilo. É o típico de casamento, há discussões, porque nenhum casal é perfeito. Mas quando eu via que ficava muito zangada ["enfadado"] eu saía para a cozinha ou saía de casa. Fugia ["esquivava"] para não haver problemas.</p>
	33_96F_T_4	<p>E: Tem! O meu marido... aquele português que é mais carinhoso, mais amoroso, mais coisa... Com ele sempre fui mais feliz.</p> <p>G: Com ele sempre foi feliz.</p>
	17_62F_2	<p>E: Ah! acho que no período que eu estava a estudar na faculdade, foi muito bom porque eu gostava daquilo, eu era CDF mesmo, primeira da classe, sabe?, eu acho que o momento mais alegre da minha vida foi a época que eu estudava...</p>
	21_25F_3	<p>E: Quando estava com... entre os 16 até 18, quando estava no liceu. Tinha muitas amigas, não havia ninguém para dizer "você precisa fazer isso e isso", não havia pai, não havia mãe... Éramos muito responsáveis mas havia brincadeira, rir, cantar... todos os dias. Era... era fixe...</p>
Vinda para Portugal	25_66F_4	<p>E: A adolescência... a partir de 15 para 20.</p> <p>G: Porque?</p> <p>E: Porque os pais ainda ajudavam... depois começamos com a nossa vida e já não é como quando tínhamos a ajuda dele. Temos de forçar para fazer a nossa vida.</p> <p>G: Antes não tinha responsabilidades e podia só divertir-se, era isso?</p> <p>E: Sim.</p>
	43_53F_T_4	<p>E: claro, tive momentos... porque quando eu voltei de Espanha para Portugal, veio com meu sobrinho, com a minha prima... passados 3 ou 4 meses já arranjei o meu trabalho e a casa já tinha em Portugal família, e assim, gostava das pessoas logo no momento, já um dia, dois dias, três dias... já ficava farta... já não quer vir... mas senti diferença assim um bocadinho, logo já tinha o meu dinheiro, o meu emprego, a minha casa</p>

Anexo 6: Tabela de categorização – Low Point

Low Point			Excerpts
Categoria	Subcategoria	Código	
Família	Separação dos Filhos	05_45F_1	E: Estar separada dele. G: Quando se separou dele agora que está presa? E: Sim, foi o mais triste e é o que mais me está a custar superar. G: Há quanto tempo é que está cá? E: Hum... 2 anos. G: E já não o vê há dois anos? E: Não, veio de visita com a minha família, falamos por telefone, escrevemo-nos... mas não é o mesmo. Tínhamos uma união muito forte o meu filho e eu. G: É difícil para si? E: Muito difícil... G: Porque não vejo filhos, não posso abraçar... G: Tem saudades dos seus filhos, é? E: [Assena que sim] G: Foi quando ele nasceu e ficou no hospital... G: Ele teve que ficar no hospital? E: Teve que ficar... ele nasceu com muitos problemas de saúde, não sei se foi devido ao meu uso de droga ou se foi por problemas genéticos porque eu já tive um aborto por malformação, então não se sabe ainda porque ele nasceu com essas anormalidades... ele nasceu com pé bato, nasceu com... atrás de desenvolvimento algum... G: É pior foi quando a minha mãe foi internada e foi operada, aquele foi o momento pior da minha vida... mas graças a Deus acabou bem, ela está bem... e é feliz! G: De seguida foi internada a minha mãe, e ela fez uma cirurgia, 15 dias depois ela estava em casa, depois começou a inchar muito e a ter hemorragias, teve de voltar para o hospital, e daí... daí para cá a minha vida já não é mais a mesma. E: Sim, sim... a morte do meu pai e do marido, sem dúvida... a morte do meu ex-marido será uma coisa que eu... eu acho que nunca mais a vida voltará a superar... E: O pior da minha sempre... é isso e sempre será isso... será a sua morte, será a sua perda, será a minha culpa e sempre será... G: 02_31F_1 E: Sim mas principalmente pela morte do pai da minha filha, muito mais! Porque a morte do pai da minha filha era livre... G: 03_40F_1 E: não sei, vá, não sei... o mais triste foi quando morreu o meu pai. Foi o mais triste de todos. G: 03_40F_1 E: foi... aqui tive muitos momentos tristes. Há muito impotência. Mas assim o mais triste, mais triste, foi esse, do meu pai. G: Acho que a morte do meu avô, acho que estava pior do que isto... porque aqui quando entrei, o que é muito engraçado é que, eu fui presa em Agosto de 2008, talvez em junho ainda não sabia nada disto e eu falei com a minha mãe, mas não sei como a conversa se tornou sobre prisões e só lhe disse "eu tenho muito medo mas não vou acabar numa prisão" e quando fui presa claro que estava muito assustada, parecia o fim do mundo e realmente talvez os primeiros três ou quatro dias. E: 15_31F_2 E: Perder a minha mãe... E: 16_60F_2 E: foi quando morreu o meu irmão. G: Foi a morte dos meus filhos. G: 18_63F_5 G: foi quando estava mais triste. E: era mais tristes. E digo mais, não há uma mãe que não sofra com um filho, que é uma dor muito grande. E: 19_64F_5 G: quando meu pai morreu. G: quando o seu pai morreu. Quantos anos tinha? E: tinha 20 e tal. E: 20_49F_3 Mas mais triste que isto foi quando morreu o meu pai. Claro que isto... isto... Como te explico? Não posso... Não podes esquecer nunca em toda a vida quando perdes uma pessoa como o pai. G: Então o mais triste foi quando ele morreu? E: Sim, claro, quando ele morreu E: 27_27F_2 O pior... eu acho que é a última fase que eu venho passando. De Outubro para cá, acho que nem de Outubro. Acho que posso dizer... de Abril do ano passado para cá. Dia 16 de Abril morreu a minha avó. E: Quando morreram os meus pais? R: Quando morreram os pais? E: Sim! E: Mais triste de todos quando faleceu o meu irmão... em 2002 aqui em Portugal... estava há 8 meses aqui em Portugal e o meu irmão faleceu muito de repente. Ele já estava aqui há 20 e tal anos, desde 1972. G: Esse foi o momento mais triste? E: Muito triste na minha vida! Que eu fui em baixo, fui em baixo, fui em baixo que pensava que eu nunca mais voltava. Felizmente Deus é pai e deu-me tanta força até hoje. G: Acabou depois por se recuperar e por se sentir outra vez bem. Ele é um grande apoio? E: Meu grande irmão, meu grande amigo, de coração. G: A pior cena da minha história... não muitos também (riso), a vida é assim. Se calhar a morte do meu avô. G: a morte do seu avô. Quantos anos tinha? E: 33. E: 36_45F_T_5 E: o momento mais triste é isso... quando perdemos os pais... G: Quando perdeu os seus pais? E: Sim... na nossa vida foi duro isto, porque como a mãe disse ficamos uma família muito unida e aprendi muito dos pais... E: 31_29F_T_4 E: Ah isso foi quando o meu pai não queria me aceitar ser mãe sem ser casada. G: Porque é que foi um momento muito mau para si? E: Porque ele queria decidir a minha vida. Queria arranjar um marido para mim, para eu casar e eu não queria! E: Ele queria arranjar outro marido para si que não o seu namorado? E: Sim e eu não aceitei. Queria estar com pessoa que eu gosto, não que os outros gostam. E: 02_37F_1 G: A semana que passei aqui. G: A semana ali nos serviços clínicos? E: Sim mas principalmente pela morte do pai da minha filha, muito mais! Porque a morte do pai da minha filha era livre... G: Sim. E: Podia eu querer chorar aqui e não me deixavam chorar... G: Porque é que não a deixavam chorar? E: Não, me... sentia-me observada, controlada E: 08_50F_1 E: Aquela em que me meti neste mundo. Meti as patas, desculpa a forma de falar, meti as patas quando me meti neste mundo. Mas penso que podemos solucionar os erros que cometemos na vida quando se apresentam estas circunstâncias, de dúvidas... de um dia para o outro... acontece. Penso que se pode solucionar. Porque estar preso aqui não é para sempre se tempo e eu já perdi demais. E: Os primeiros dias em que entrei aqui... Pfff... tantas coisas me passavam pela cabeça... G: Foi a primeira vez em que entrou na prisão? E: Sim e foi horrível... Primeiro foi uma desilusão que causei à minha família, uma grande decepção que lhes causei. Não podia fazer-lhes isso. Não acreditava que estava aqui... passaram-me muitas coisas pela cabeça. Estive 7 dias internado nos serviços clínicos. G: Porque aqui quando entrei, o que é muito engraçado é que eu não sabia nada disto e eu falei com a minha mãe, mas não sei como a conversa se tornou sobre prisões e só lhe disse "eu tenho muito medo mas não vou acabar numa prisão" e quando fui presa claro que estava muito assustada, parecia o fim do mundo e realmente talvez os primeiros três ou quatro dias. G: Foram difíceis? E: Muito difícil... muito... E: Aquela em que vim presa. G: O que é que sentiu nesse momento? E: Pensei que o mundo parou. O mundo parou para mim. Parou no sentido... Parou tudo. Só pensava em meus filhos. E: Ah, com certeza isso que eu estou a passar agora, eu não me lembro, na minha memória, de um período mais triste do que esse, de eu estar privada do bem maior que é a liberdade, a liberdade do ir e vir e sempre fui muito livre, sabe? Não me casei, viajei muito o Brasil todo, eu não tive viagens internacionais, essa foi a primeira, talvez é que eu não tinha nem o passaporte... mas o Brasil eu tive oportunidade de passar bastante, eu tinha um jipe na minha juventude e eu viajava sozinha. E: Mais triste? Isso! Ter ficado aqui. Mas mais triste que isto foi quando morreu o meu pai. Claro que isto... isto... Como te explico? Não posso... Não podes esquecer nunca em toda a vida quando perdes uma pessoa como o pai. E: Entar aqui. G: O que é que sentiu quando entrou em São Cruz? E: Medo... a primeira noite que entrei... era de noite, peguei na minha coberta e entrei na cela. A guarda me fala mas eu não entendi nada. A minha prima disse "vão lá procurem que vai correr tudo bem". E: Agora. Mais triste. E: 27_27F_2 Tive conflitos aqui dentro, por conta do meu stress, fui 2 vezes para o castigo, de Abril do ano passado para cá. E: ali... entrar em Tires. G: Foi o momento mais triste da sua vida? E: Sim. G: O que é que sentiu nesse momento? E: Tudo... senti que o meu céu vinha abaixo, e que ia estar longe do meu filho e do meu marido, porque eles estão longe... e que o meu filho está tão pequeno, claro. G: Foi ali quando em que vim presa e a minha filha ficou lá fora a chorar. Antes a minha filha morava comigo e com mais ninguém, agora mora com a tia dela e acho que isso foi o dia mais triste da minha vida. O dia em que cai aqui. Tem dias em que estamos felizes, dias em que estamos tristes, dias em que não fala com ninguém... é complicado... dia que a comida é bom, dia que a comida não é boa, dia que não consigo entrar nada de roupa... é só frango assado, mais nada. Quando estava na outra cadeia comia comida de casa! A comida podia entrar tudo. A única coisa que não entrava lá era chá, mas entrava apicão, com leite e eu sempre me levava. Achava que entrava nada, uma pessoa passa fome aqui! Passa fome! Não há comida em condições... Quando a minha filha traz coisas até dou às minhas colegas que não têm visitas. Sempre me dá bem com as minhas colegas, nunca tive problemas, castigos, nunca tive problemas com guardas, colegas, nada... nunca estive num castigo. As guardas gostam de mim. Tenho visita de minha filha, da minha madrinha, da minha tia... Às vezes de 3 em 3 meses vem visitar um amigo... Quando não tem alguma coisa para mim é para todos. Não faço distinção do tipo "isso é meu" não. E: é o que estou a passar agora. G: agora? Porque? E: porque... agora eu já estou em Portugal já vai quase pa 30 anos eu nunca senti... 207 30? Passa de 30, eu vim em 75... eu nunca senti racismo, digo-lhe mesmo. Naquela altura diziam que Portugal tinha racismo e eu nunca senti. Mas agora aqui na cadeia sinto mesmo isso na pele. E: esse é o momento mais triste que estou a passar na minha vida. Já vai fazer 4 anos sem estar com os meus filhos. Perdi o melhor da minha vida, aqui neste inferno. E: O momento mais triste foi... o momento em que vim para aqui, o primeiro dia que entrei aqui. G: Como é que se sentiu? E: Senti-me mal, pensei que o mundo lá acabar. Pensei que a minha vida estava... pensei que não lá voltar... na altura queria morrer, mas já a deixar lá com ninguém... é complicado... dia que a comida é bom, dia que a comida não é boa, dia que não consigo entrar nada de roupa... é só frango assado, mais nada. Quando estava na outra cadeia comia comida de casa! A comida podia entrar tudo. A única coisa que não entrava lá era chá, mas entrava apicão, com leite e eu sempre me levava. Achava que entrava nada, uma pessoa passa fome aqui! Passa fome! Não há comida em condições... Quando a minha filha traz coisas até dou às minhas colegas que não têm visitas. Sempre me dá bem com as minhas colegas, nunca tive problemas, castigos, nunca tive problemas com guardas, colegas, nada... nunca estive num castigo. As guardas gostam de mim. Tenho visita de minha filha, da minha madrinha, da minha tia... Às vezes de 3 em 3 meses vem visitar um amigo... Quando não tem alguma coisa para mim é para todos. Não faço distinção do tipo "isso é meu" não. E: é o que estou a passar agora. G: agora? Porque? E: porque... agora eu já estou em Portugal já vai quase pa 30 anos eu nunca senti... 207 30? Passa de 30, eu vim em 75... eu nunca senti racismo, digo-lhe mesmo. Naquela altura diziam que Portugal tinha racismo e eu nunca senti. Mas agora aqui na cadeia sinto mesmo isso na pele. E: esse é o momento mais triste que estou a passar na minha vida. Já vai fazer 4 anos sem estar com os meus filhos. Perdi o melhor da minha vida, aqui neste inferno. E: O momento mais triste foi... o momento em que vim para aqui, o primeiro dia que entrei aqui. G: Como é que se sentiu? E: Senti-me mal, pensei que o mundo lá acabar. Pensei que a minha vida estava... pensei que não lá voltar... na altura queria morrer, mas já a deixar lá com ninguém... é complicado... dia que a comida é bom, dia que a comida não é boa, dia que não consigo entrar nada de roupa... é só frango assado, mais nada. Quando estava na outra cadeia comia comida de casa! A comida podia entrar tudo. A única coisa que não entrava lá era chá, mas entrava apicão, com leite e eu sempre me levava. Achava que entrava nada, uma pessoa passa fome aqui! Passa fome! Não há comida em condições... Quando a minha filha traz coisas até dou às minhas colegas que não têm visitas. Sempre me dá bem com as minhas colegas, nunca tive problemas, castigos, nunca tive problemas com guardas, colegas, nada... nunca estive num castigo. As guardas gostam de mim. Tenho visita de minha filha, da minha madrinha, da minha tia... Às vezes de 3 em 3 meses vem visitar um amigo... Quando não tem alguma coisa para mim é para todos. Não faço distinção do tipo "isso é meu" não. E: é o que estou a passar agora. G: agora? Porque? E: porque... agora eu já estou em Portugal já vai quase pa 30 anos eu nunca senti... 207 30? Passa de 30, eu vim em 75... eu nunca senti racismo, digo-lhe mesmo. Naquela altura diziam que Portugal tinha racismo e eu nunca senti. Mas agora aqui na cadeia sinto mesmo isso na pele. E: esse é o momento mais triste que estou a passar na minha vida. Já vai fazer 4 anos sem estar com os meus filhos. Perdi o melhor da minha vida, aqui neste inferno. E: O momento mais triste foi... o momento em que vim para aqui, o primeiro dia que entrei aqui. G: Como é que se sentiu? E: Senti-me mal, pensei que o mundo lá acabar. Pensei que a minha vida estava... pensei que não lá voltar... na altura queria morrer, mas já a deixar lá com ninguém... é complicado... dia que a comida é bom, dia que a comida não é boa, dia que não consigo entrar nada de roupa... é só frango assado, mais nada. Quando estava na outra cadeia comia comida de casa! A comida podia entrar tudo. A única coisa que não entrava lá era chá, mas entrava apicão, com leite e eu sempre me levava. Achava que entrava nada, uma pessoa passa fome aqui! Passa fome! Não há comida em condições... Quando a minha filha traz coisas até dou às minhas colegas que não têm visitas. Sempre me dá bem com as minhas colegas, nunca tive problemas, castigos, nunca tive problemas com guardas, colegas, nada... nunca estive num castigo. As guardas gostam de mim. Tenho visita

Anexo 7: Tabela de categorização – Ponto de Viragem

Ponto de Viragem			Excertos
Categoria	Subcategoria	Código	
		01_36F_1	... mas também mudou no momento em que eu vim presa, claro... por isso...
		05_45F_1	E: Bem, foi quando entrei aqui! G: Entrou aqui e a sua vida deu uma volta? E: Sim, consegui deixar a metadona.
deixar droga		32_18F_T_4	E: Olha... depois que eu vim presa a minha vida mudou para pior... Nestes 3 anos a minha vida ficou parada, ficou paralisada completamente. Porque eu tinha a minha vida feliz com a minha mãe e os meus filhos, eu não tenho pai, já morreu há 20 e tal anos, os irmãos sempre ajudaram a minha mãe, a minha mãe sempre cuidou dos meus filhos... Por mim às vezes tomava medicação para dormir e não acordar... às vezes a pessoa fica feita.
		05_45F_1	E: Bem, foi quando entrei aqui! G: Entrou aqui e a sua vida deu uma volta? E: Sim, consegui deixar a metadona. Tinha as doses muito altas e deixei-a. G: Conseguiu aqui deixar totalmente tudo o que estava relacionado com a droga? E: Sim, foi um momento feliz e... como uma meta que eu tinha e via impossível e consegui. G: Há quanto tempo deixou a metadona? E: Foi quando entrei aqui, há 2 anos. E em 15 dias nos serviços clínicos consegui e não voltei a tocar na droga, nem na metadona e estar limpa faz-te pensar E: Está... está sem dúvida?
		02_37F_1	G: Está... está há de marcar-me para sempre no sentido de... há-de marcar-me para sempre no sentido de que me... tiraram-me a minha liberdade... [silêncio]
		07_58F_1	G: Isto... G: Aqui? entrar para a prisão? Porque é que mudou a sua vida? E: Mudou em tudo... estás, dá-te conta que a tua liberdade é o mais bonito, a tua família, os teus amigos, gente que te espera fora, o namorado... tudo!
		08_50F_1	E: Não sei... G: Uma coisa que tenha mudado a sua vida. E: Ter entrado aqui... foi o que mudou mais a minha vida.
		13_17F_2	E: Vir presa... G: Foi o que mais mudou a sua vida. E: E muito! G: Em quê principalmente? E: Em tudo! Tudo! Antes não fazia muito caso da vida, do que eu fazia da vida, como estava levando a minha vida. Agora não, dou mais valor a cada minuto e cada segundo.
		12_54F_1	E: Isto... G: Isto, estar aqui? E: Sim... sem dúvida alguma... G: Porque é que mudou a sua vida? E: Sim, eu sou mais forte, sou uma pessoa diferente... G: Sente que a sua vida mudou depois disto? E: Sim, sim, muito... e acho que não estou marcada de mal não vou, não... porque aqui, eu já falei sobre algumas guardas mas eu também sei que todas as pessoas têm os seus dias, isto pode acontecer, lá fora, é normal... e por isso acho que não é uma grande coisa, embora tenha falado sobre isso, não é... não é...
		14_04F_2	E: um momento de viragem foi aqui dentro. G: foi aqui? E: foi aqui. G: depois de ter estado naquele quartinho? E: foi depois de ter estado naquele quartinho... G: sentiu que mudou alguma coisa aqui dentro? E: foi. G: o que é que mudou em si? já me disse que não queria sair e começou a querer sair... E: foi um momento de querer viver, novamente.
		16_60F_2	E: Isto. G: foi isto, em que é que mudou a sua vida? E: mudou em tudo porque todos os planos vieram abaixo. O plano de ficar em Espanha, de realizar, de por exemplo a minha filha tinha outra vida, outro atendimento. E a minha filha mais grande tinha mais oportunidades.
		20_40F_3	E: [Risos] Foi encontrar esta pessoa! G: Porque é que a sua vida mudou? E: Não sei, como te explico? É... é muito estranho porque eu vivia junto com o meu marido, uma vida normal, como toda a mulher que vive um momento lindo, era um marido carinhoso, como te explico? Tantas vezes me fazia surpresas, coisas bonitas... Não sei, não sei mulher... Encontrar esta pessoa, não sei... Está no meu coração, na minha mente... Não sei o que pensar dela... não me fez uma coisa especial... Apenas nos conhecemos. Uma vez pensei que agora que estava aqui lá de deixar de pensar nele, mas não. A primeira coisa não os meus filhos, eles estão sempre no meu coração, mas em segundo é esta pessoa aqui. Vou à visita, falo com ela, ele pergunta como vamos fazer... Não sei...
Prisão	Estar presa: privação de liberdade	21_25F_3	G: Quando entrei na cadeia? G: Em que é que a sua vida mudou? E: Desde que estou aqui sou mais madura, mais... sei lá... cada vez que havia um problema ligava logo ao meu pai, um pequeno problema, uma coisa estúpida, ligava logo. Aqui quando tenho um problema, resolvo as coisas sozinho. Trabalho, também... antes trabalhava também mas era menos responsável. Agora não gasto o meu dinheiro assim... Agora sou muito mais responsável, muito mais madura e muito mais forte. G: Então foi uma mudança para melhor? E: Sim, eu acho.
		25_66F_4	G: Porque é que mudou assim a sua vida? E: Muito muito porque quando aconteceu o problema a gente perde muitas coisas. G: O que é que perdeu de mais importante? E: A família. Mas a gente fala no telefone e eles mandam o que a gente quer. Mas a gente sente saudades, sabe?
		26_61F_2	R: Ter vindo presa ou ter vindo para Portugal... E: Eu acho que foi... foi, foi vir a Portugal que a minha vida mudou radicalmente, não, acho que, não só porque estou aqui dentro mas também pela pessoa que pela qual eu vim cá parar que deixou-me completamente desiludida, e não sei... depois vim presa e aqui aprendi muita coisa...
		30_128F_T_1	E: Isto. G: ter vindo aqui. E: sim, porque desde que eu fui presa, a pirâmide familiar que eu construí entre o meu marido e meu filho foi abaixo. Porque a família, a casa, os rendimentos ("recidos") era tudo comigo. A estabilidade do meu filho, tudo, tudo.
		35_41F_T_4	E: Agora... G: Quando entrou aqui? E: Sim. G: Em que é que a sua vida mudou mais? E: Em tudo... não posso... mudou em tudo... não posso estar com as pessoas que eu quero. Em termos de trabalho também mudou tudo... G: Trabalha agora? E: Não, agora não, teve nas mãos e vim praqui. Tou na lista de espera para começar a trabalhar. O que é que mudou? Mudou tudo, tudo está completamente diferente. G: Estas presa para si é muito diferente de estar lá fora, claro, mas o que é que mudou mais para si? E: O que está mais a fazer de fechar as portas. Emulou muito... sabe porque? G: Igual foi a coisa que fez com que a senhora mudasse? E: tou a olhar de outro aspecto, tou a olhar neste mundo onde estou enfiada, onde eu cal...ho meu Deus... as pessoas analfabetas, as pessoas que...é horrível...as pessoas criminosas, criminosas... não na minha vida porque vi nos filmes e leu os livros e como tem direito internacional, claro que foi em cadeias lá na moldávia também... e conheci meu marido e trabalhei na polícia, e conhecia muitas coisas...muitas coisas destas de criminosos e isso que meu marido chegava do trabalho e dizia olha apanhou hoje isso e isso... G: Nunca pensou que vinha aqui para? E: e ainda meu marido dizia olha já viste estes prédios brancos aqui é uma cadeia de mulheres...eu não pensava que passados 8 anos vinha parar aqui... é muito duro.
		43_53F_T_4	E: foi entrar na prisão... a minha vida já estava melhor... quando vim pra cadeia já ficou parada outra vez... já atrasou outra vez... e quando sair daqui vou tentar mudar outra vez...
		12_54F_1	G: Porque é que mudou a sua vida? E: Sim, eu sou mais forte, sou uma pessoa diferente... G: Sente que a sua vida mudou depois disto? E: Sim, sim, muito... e acho que não estou marcada de mal não vou, não... porque aqui, eu já falei sobre algumas guardas mas eu também sei que todas as pessoas têm os seus dias, isto pode acontecer, lá fora, é normal... e por isso acho que não é uma grande coisa, embora tenha falado sobre isso, não é... não é...
		22_44F_3	E: A cadeia. A cadeia! G: Como é que mudou desde que está aqui? E: Tenho mais confiança nos meus pais, se me dizem "oh filha não faças isso", está bem, eu não faço! E... estou mais consciente dos meus actos... e agora penso 2, 3 ou 4 vezes antes de fazer as coisas.
		40_89F_T_3	E: Não sei... quando sair lá fora. G: Quando sair é quando a sua vida vai mudar? O que é que quer fazer? E: Quero estar com a minha família, tratar da minha casa... estar em [imperceptível]. G: Quero ficar a morar aqui ou voltar? E: Quero ir na Romênia. Não quero aqui, não conheço ninguém, não tenho nada com ninguém aqui!
Família	Morte de um familiar	09_34F_2	E: No dia em que o menino colocou a mão na minha gravidez... [Risos]
		01_26F_1	E: Que coisa que estava... que foi a certeza mesmo foi... E: A minha vida mudou... a minha vida mudou, em primeiro, mudou a partir de que ele morreu... G: A partir do momento em que ele morreu... E: Porque deixei de ter aquela pessoa que sempre estava pronta para me dar a mão, para me dar apoio mesmo... mesmo que às vezes eu... fosse...
		17_62F_2	E: Al um ponto de viragem? Acho que foi o falecimento da minha mãe... G: Como é que foi? E: Eu era muito ligada à minha mãe, a minha mãe era o meu amor, sabe?, a minha namorada, a minha querida... e quando ela faleceu em 98, nossa, faltou-me o chão.
		18_63F_5	E: sim foi. Morrer os meus filhos foi para uma vida muito mal para mim. Que logo o meu marido me tratou... Antes não, ele não me tratava mal.
		28_27F_2	E: foi esse mesmo, foi esse mesmo...porque logo do funeral dos meus pais, tudo normal, já sabe, e agora? Não trabalhava nada... está a perceber? e tudo mudou, agora era como começava na nova vida, começar a trabalhar, começar a fazer alguma coisa, seguir a faculdade, já não tinha a minha mãe que me apoiasse ou me dissesse aqui está a roupa lavada, aqui está isto... e todo aquele conto de fadas foi abaixo e já foi outra coisa... era como se tivesse voltado a nascer praticamente...
		27_27F_2	E: eu acho que foi quando eu perdi a minha mãe. E quando eu perdi perdi a ela. Acho que foi um grande momento. R: mas o que é que mudou na sua vida? Porque é que acha que isso foi uma mudança? E: que a partir do momento que eu perdi ela, eu deixei de conviver com aquele sentimento, com aquela angústia que eu tinha, que era do porquê ela ter ido embora e não me ter levado. E muitas das vezes a gente questiona as pessoas sem saber o porquê. E ela foi o que era certo. Que se fosse para dar uma sorte difícil lá 3... era mais fácil que a gente se dividisse e a vida fosse melhor. E... mas eu custei muito a aprender isso, custei imenso, imenso a aprender.
		06_57F_1	E: Ter que recomendar a minha vida completamente era uma situação que... não era fácil estar sozinha com uma filha. G: Hum-hum. Então senti que o momento em que terminou a sua relação foi um ponto de viragem na sua vida? E: Sim, porque nesse momento fui brigando para conseguir minha própria casa. Mostrei ao meu marido que conseguia porque ele sempre dizia que sem ele eu não ia chegar a lado nenhum. Mostrei a ele que podia e que podia sustentar-me a mim e à minha filha. Ele caiu preso... quando preso ele pediu meu auxílio e eu pude ir lá e ajuda-lo para ele ver que eu não sou como as outras pessoas.
		24_67F_4	E: Foi quando eu deixei sozinha... Porque quando eu separei do meu marido eu fugi, e fui fugida, depois ainda deixei os irmãos a estudar, na escola. Voltei para lá e abri um restaurante de grelhados, era o tscar de Ismael e Carla, o nome também da boutique que eu depois pus aqui. Estava tudo a correr bem, às mil maravilhas, mandei buscar o meu filho, ele voltou, já tinha o 12º ano e ajudou-me na contabilidade... ele dizia "não se e gente soubesse voltava há mais tempo, estás a facturar bem...". Um restaurante que eu abri era onde parava mais turistas e gostam muito de marisco grelhado, tudo limpo e bem feito. E... modéstia à parte, sou muito gente na linha já. Alá, aqui até chamam a minha cela da cela chique [Risos]. Eu tenho a paránsia, acho que agora posso dizer que é paránsia, eu limpo de manhã, vou agora, tomo banho e limpo de novo. E depois não à aquela limpeza assim superficial, tem de ser ao fundo mesmo, janela, parede, tudo. E não me canso... porque o que não me falta aqui é tempo, né?
		13_34F_2	G: Estava a dizer que o que tinha mudado a sua vida foi ter aberto o restaurante? E: Sim, estava sozinha, já não tinha mais nenhum homem para me prender, comecei a ganhar a vida...! E pronto, isto foi na altura em que comecei a guerra, o golpe de Estado que deram no tiro... a situação ficou piorada e então voltei. Voltei e foi aí que fui trabalhar para a Olincoel, na parte de limpeza e depois também vieram a fechar essa área. Eu abri as lojas com o dinheiro que ganhei aí, vim a ter esse problema com Tires e oíha... Depois saí, fui para outra empresa de limpeza que fechou do nada e... estou aqui.
		13_34F_2	E: Hum... Não... Talvez quando eu deixei o meu companheiro anterior porque tinha uma vida segura, estável, estava, como te explico, tinha tudo! E depois disso foi a primeira vez que me vi assim... à minha conta. Mudou a minha vida.
Relação com companheiro	A Terminar relação com companheiro	19_64F_5	E: quando eu conheci meu marido. G: a sua vida mudou quando conheceu o seu marido, porquê? E: Porque minha família não aceita ele. Minhas amigas também.
		34_114F_T_4	E: foi quando conheci o meu terceiro companheiro. G: aquele que era traficante. Porque que é que a sua vida mudou? E: ele era uma pessoa diferente, apesar de não vendermos droga. Mas ele era atencioso com os meus filhos, até fazia todas as vontades a eles. Quer dizer fazia mais também sabia ser correcto com eles. E com o mais velho, por exemplo, o mais velho, desde que me juntei com ele, o mais velho nunca mais andou a roubar.
		41_127F_T_5	E: o encontro com o meu ex-companheiro mudou a minha vida para pior mudou de facto. G: quando o seu ex-companheiro apareceu na sua vida, como é que a sua vida mudou? E: er... G: houve um momento em que mudou para melhor. E: houve um momento em que mudou para melhor, obviamente. Sim, mudou para melhor e quando, quando... enquanto não passou para o final, enquanto não estávamos juntos. Enquanto era namoro. Novo, só... pelos vistos mudou para pior. G: e depois quando estavam juntos, mudou para o pior. E: Este momento. Quando estive em França. Foi quando eu senti que nunca lá ficaria em paz. Que lá estar sempre obrigada. Pensei que quando chegasse à Venezuela tudo lá estar bem, eu nunca mais contactei essa pessoa, nunca mais. Mas ele encontrou-me.
		10_09F_2	E: Foi quando eu comecei a traficar droga...
		15_33F_2	E: Entrar na vida da droga... vender droga. A minha vida destruiu-se completamente.
		33_96F_T_4	G: O que é que mudou? E: Eu entrei numa situação que... se eu não tivesse nessa situação os meus filhos também não estavam nessa situação, de certeza absoluta. Porque eu não deixaria chegar a este ponto.
		23_03F_5	E: aconteceu que eu prontu fui embora de vir embora de minha mãe, mas nunca mais vou embora. G: foi nesse momento que decidiu tirar o passaporte e vir embora que mudou a sua vida. E: mudou a minha vida toda.
		26_61F_2	R: Ter vindo presa ou ter vindo para Portugal... E: eu acho que foi... foi, foi vir a Portugal que a minha vida mudou radicalmente, não, acho que, não só porque estou aqui dentro mas também pela pessoa que pela qual eu vim cá parar que deixou-me completamente desiludida, e não sei... depois vim presa e aqui aprendi muita coisa...
		31_20F_T_4	E: Quando vim para Portugal a minha vida mudou porque... Em Cabo Verde não tinha possibilidade de comprar uma casa.
		03_40F_1	E: pode ser a primeira vez que experimentei droga. Nem me lembro. G: já não se lembra. E: nem me lembro... lembro-me do dia que experimentei a heroína. Disse sim lembro-me, mas do resto não me lembro. G: porque é que se lembra do dia em que experimentou a heroína? E: porque me senti mal, mal, mal, mal, mal. Fisicamente, me pus malíssimo. Vomitei tudo, pôs-me mal disposto mesmo.
Vinda para Portugal		03_40F_1	E: pode ser a primeira vez que experimentei droga. Nem me lembro. G: já não se lembra. E: nem me lembro... lembro-me do dia que experimentei a heroína. Disse sim lembro-me, mas do resto não me lembro. G: porque é que se lembra do dia em que experimentou a heroína? E: porque me senti mal, mal, mal, mal, mal. Fisicamente, me pus malíssimo. Vomitei tudo, pôs-me mal disposto mesmo.
		03_40F_1	E: pode ser a primeira vez que experimentei droga. Nem me lembro. G: já não se lembra. E: nem me lembro... lembro-me do dia que experimentei a heroína. Disse sim lembro-me, mas do resto não me lembro. G: porque é que se lembra do dia em que experimentou a heroína? E: porque me senti mal, mal, mal, mal, mal. Fisicamente, me pus malíssimo. Vomitei tudo, pôs-me mal disposto mesmo.
Consumo de Droga		03_40F_1	E: pode ser a primeira vez que experimentei droga. Nem me lembro. G: já não se lembra. E: nem me lembro... lembro-me do dia que experimentei a heroína. Disse sim lembro-me, mas do resto não me lembro. G: porque é que se lembra do dia em que experimentou a heroína? E: porque me senti mal, mal, mal, mal, mal. Fisicamente, me pus malíssimo. Vomitei tudo, pôs-me mal disposto mesmo.
		03_40F_1	E: pode ser a primeira vez que experimentei droga. Nem me lembro. G: já não se lembra. E: nem me lembro... lembro-me do dia que experimentei a heroína. Disse sim lembro-me, mas do resto não me lembro. G: porque é que se lembra do dia em que experimentou a heroína? E: porque me senti mal, mal, mal, mal, mal. Fisicamente, me pus malíssimo. Vomitei tudo, pôs-me mal disposto mesmo.

Anexo 8: Tabela de categorização – Vinda para Portugal

Vinda para Portugal			
Categoria	Subcategoria	Código	Excertos
Chegada a Portugal - Vivência Positiva		24_67F_4	Lembro. Lembro-me de ter ido a Évora pela primeira vez. O meu marido tem lá um primo, ex-marido, e fomos lá passar o fim do ano ao restaurante. E nesse restaurante aconteceu uma cena bonita. Porque na altura, em Portugal, as pessoas da minha cor, negras, contava-se pelo dedo. G. - Sofria discriminação nessa altura? E. - Não... foi uma criança linda, linda, a imagem dela nunca mais saiu da minha cabeça, que saiu da mesa dos meus pais, veio na minha e fez assim [esfrega os dedos contra as costas da mão e olha para eles em seguida, a imitar a criança que via se a cor tinha saído]. G. - Nesse momento não se sentiu discriminada? E. - Não! Ao meu lado estava um homem branco, mas os pais ficaram com medo de vir buscar a miúda e eu carreguei a miúda no colo, falei com ela, ela devia ter uns 4 para 5 anos. Eu entendi a miúda porque era normal, naquela altura ela nunca ter visto... 82, 83...
		33_96F_T_4	E.: Uma pequena história...quando cheguei aqui gostei de Portugal. G.: Não conhecia, nunca tinha vindo? E.: Não, foi a primeira vez. Gostei porque tinha um irmão que vivia aqui há 20 e tal anos e só foi a Cabo-verde uma vez. Foi em 2001 e em 2002 faleceu! É uma coisa que faz-me... fiquei tão feliz, feliz de conhecer a filha dele. Ela não tinha ido para Cabo-verde porque a mãe é portuguesa. G.: Então quando a conheceu ela já era grandinha.. E.: Sim, conheci ela, fui viver com o meu irmão, que há muitos anos que não convivia com ele, só por telefone. G.: Então quer dizer que foi em Portugal que acabou por ficar mais perto de alguém da sua família. Longe da sua casa mas... acabou por ficar mais perto dele.
		35_41F_T_4	E. - Fiquei feliz porque diziam que aqui era bonito e era mesmo! Eu tava no avião e vi aquelas luzes todas, uma cidade grande! Fiquei assustada porque a cidade é grande, lá em Cabo-verde é mais pequeno é diferente! Fiquei contente, foi um momento bom, muito bom mesmo. G. - Achou que Portugal era bonito? E. - Achei, aquelas lojas, aquelas montras, e as luzes e eu chegar ali e comprar as coisas logo na hora. Aqueles sumos... a minha mãe me levou logo a um bar, podia pedir tudo o que eu quisesse. Deixou-me à vontade, pedi tudo o que tinha direito! E achei, achei giro, bonito. G. - Ficou deslumbrada com a diferença? E. - Completamente!
		36_45F_T_5	E: não... posso dizer que gostei muito deste país, claro que é diferente do nosso, vi praia...estivemos na praia...fui a Fátima, gostei muito , esta primeira senhora que trabalhava na casa dela e ela me levou... isso foi impressionada ... gostou muito do povo português, porque também tem coração muito bom, entramos na casa dos senhores que trabalhavamos e entrei como na minha casa, os senhores iam de férias e eu fazia o que fazia na minha casa e eles entravam e ficavam de boca aberta . E foi mais coiso porque na minha experiência porque trabalhava nesta senhora muito muito rica eu tinha uma coisa...uma bolsinha que tinha o ouro dos antigos avós,...e dizia desapareceu, alguém roubou, não sei quê...e eu fui remcomendada de outra pessoa que trabalhava em casa de ela e perguntou “ela não rouba” nada, nada... ja tem 4 anos que trabalha na minha casa é muito séria e não sei quê. comecei a trabalhar e vi uns cortinados que estavam cheios de pó ..e vi que estão sujos é preciso tirar e limpar... e peguei neles e caiu esta bolsa...o que é isto? Anéis...e brincos e nao sei quê ... quase que tinha um enfarte que tinha 4. 5 anos que nao se lembra desta bolsa... G: pensava que tinha perdido? E:ou perdido ou que alguém roubava . pra esta senhora foi um orgulho e eu também fiquei contente , porque os filhos diziam tem sorte nesta vida , e pra mim foi um orgulho porque a senhora disse que queria morrer e dar as coisas dela... só que não se lembrava onde pôs... isso foi um momento também muito bom para mim...
Portugal associado ao crime		20_49F_3	E. - Só tenho uma ideia quando vim para aqui com a minha mãe, vim para trabalhar. É isso. Vender na feira, vender aquilo que vendia a minha mãe. A única coisa é que parti mal porque o meu marido não queria que eu partisse, mas não vim para morar em Portugal. Eu vim para ficar 2 ou 3 semanas. G. - Não queria vir para... E. - Por amor de Deus! Não podia deixar os meus filhos e o meu marido assim, claro. Vinha por pouco tempo com a minha mãe, entendes? Não posso ter uma coisa marcada porque eu não decidi morar aqui e deixar a minha família e os meus filhos. A única coisa que ficou foi eu ter encontrado esta pessoa aqui. G. - Se não tinha ido embora. E. - Ai quem me dera! Não me tinham apanhado se eu andava com a minha mãe a vender, claro.
		23_03F_5	G.: porque estava-me a dizer à bocado se nunca tivesse vindo para Portugal, nunca tinha passado por isto... E.: é, exactamente. G.: por isso é que mudou a sua via, não é? E desde que está presa, aqui ou em Odemira, conte-me assim um momento que tenha sido... que tenha sido marcante para si. Que tenha ficado na sua memória. Bom ou mau. Uma coisa que tenha acontecido desde que está aqui dentro. E.: pronto aí um momento quando, por exemplo, no natal ou ano novo e eu não consigo ficar normal. Eu fecho no quarto e choro.
		21_25F_3	G.: E antes de estar presa, conte-me um episódio da sua vida em Portugal que a marcou... E.: Não sei... não sei... só o que eu fiz, o crime..
		28_27F_2	E.: Foi somente essa... R.: Foi a viagem de avião! E.: De avião... uma viagem de avião! Sai de Caracas, terça-feira me entregaram os bilhetes, tudo, viajei! quarta-feira eram 3 de manhã em Venezuela, sete e meia daqui fui apanhada, e começou... e eu disse “isto não está a acontecer”... e aconteceu assim! Fui à judiciária, fui ao juiz, apresentaram-me ao juiz, deram-me prisão preventiva, depois de 5 meses, a única vantagem é que depois de 5 meses já sabes o que acontece com a tua vida... é sempre aquela “ui será que terão compaixão de mim, será que ficarei, será que irei...” está a perceber? mas fiquei, ninguém se vai embora...
Prisão		26_61F_2	E.: [risos] eu escolheria não sei... conhecer, conhecer realmente a Portugal... a mentalidade não sei, a pessoas aqui em Portugal... R.: Mas enquanto cá está, esta a pensar enquanto cá está ou quando estava fora? E.: Não, quando estava fora... acho que se isto não acontecesse, se esta coisa não tivesse acontecido eu acho que foi isto que eu... agora como agora eu escolheria só voltar para a minha casa e nada mais, que não há, não há para esolher...
		21_25F_3	E.: Foi.... [silêncio]. Quando cheguei ao Porto, nesta cadeia. Quando cheguei aqui passei 3 meses com pessoas que estavam comigo em Tires. G.: Ah vieram 3... e eram suas amigas? E.: Uma era minha amiga... eu pensava que ela era minha amiga. Eu estou aqui por infanticídio. Quando estava no Algarve eu já estava grávida, mas por causa da depressão eu não vi a minha gravidez. G.: Estava grávida do seu namorado? E.: Sim. Eu... eu... eu... eu matei o meu bebé. Quando cheguei a Odemira toda a gente sabia mas ajudaram-me muito. Em Tires a mesma coisa... G.: Quem é que a ajudava, as outras reclusas? E.: Sim, as reclusas, as guardas... a ficar mais calma... Quando fui ao tribunal tive muito apoio das guardas de Tires... G.: Elas não a julgavam... E.: Não. Todas as pessoas sabiam mas... ficavam caladas. Se não gostavam de mim, ficavam caladas. Aqui eu disse, não, não vou dizer nada. se alguém me pergunta eu vou mentir porque aqui não dá.
		31_29FT_4	E. - Marcou-me muito porque eu tou presa, porque tou separada dela, o peito... à noite não consigo dormir... Fico com medo que eu posso pegar uma cana que eu não consigo levar... Que eu não aguento, fico a pensar dali a quanto tempo é que eu vou ver a minha filha, se ela vai aguentar. Fico a pensar de um dia ela vai me perdoar...
Família		32_18F_T_4	E. - Não...eu nunca vim para morar aqui mesmo. É assim, eu só vim por causa da minha filha, não ia ficar aqui para sempre. G. - Era só por uns tempos... E. - Eu até tinha o cartão de residente e podia pedir a nacionalidade e disse à minha filha "tu se quiseres fazes a nacionalidade, eu não quero eu vou embora, não vou ficar aqui muito tempo". Vir assim para fazer compras de vez em quando, para mandar para lá... Em minha casa tem muitas coisas porque eu mandava toalhas e roupas para os meus filhos venderem lá, mandava tudo para eles vender. De vez em quando os meus filhos podiam vir buscar coisas se eles quisessem e eu vendia lá, nunca quis ficar aqui para sempre! Aqui é tudo muito caro! Lá se não tenho comida vou para casa da minha mãe, não pago renda, a vida é mais fácil! Por isso é que não trouxe os meus filhos. Imagina que eu tinha trazido um bebé pequenino? Fica difícil, depois tiravam-me os meus filhos como eu vi uma colega que acabou de sair daqui e não tinha os filhos. Tinha muita pena dela... Se fosse eu já tinha morrido.

Anexo 9: Grelha de codificação High Point

Categorias	Definição
1.1. Família	Considera-se nesta categoria a definição de cenas relacionadas a: Nascimentos, Momentos em família e Momentos relacionados com a família
1.1.1 Nascimentos	Onde as mulheres descrevem o momento mais feliz da sua vida os nascimentos dos filhos, bem como do irmão ou neta, ou ainda, referência à gravidez.
1.1.2. Momentos em família	As reclusas referem momentos em família como momentos felizes para si (eg. Estar com os filhos).
1.1.3.Momentos relacionados com a família	As mulheres referem os momentos relacionados com a família de felicidade (eg. <i>quando o meu irmão acabou do coma. Acordou do coma</i> ”).
1.2.Prisão	Considera-se nesta categoria a definição de cenas relacionadas a: Estar livre antes da prisão, Dentro da prisão e, sair da prisão.
1.2.1.Estar livre antes da prisão	A reclusa refere como o momento mais feliz da sua vida a liberdade.
1.2.2.Dentro da prisão	Referem que estar na prisão é um momento feliz da sua vida.
1.2.3.Sair da prisão	As mulheres referem que o momento em que saírem em liberdade vai ser o melhor momento da sua vida.
1.3.Relção com companheiro	Considera-se nesta categoria a positividade na relação com o companheiro na vida destas mulheres

1.4.Tempos de escola/faculdade	Consideram-se os tempos de adolescência ligados à escola/faculdade são vividos de uma forma positiva.
1.5. Vinda para Portugal	Considera-se que a vinda para Portugal foi o momento mais feliz (eg. Associada à família e à melhoria de vida).

Anexo 10: Grelha de codificação Low Point

Categorias	Definição
2.1.Família	Considera-se nesta categoria a definição de cenas relacionadas a: Separação dos filhos, Doença de familiar, Morte de familiar e, Má relação com o pai
2.1.1 Morte de Familiar	Onde as mulheres descrevem o momento mais triste feliz da sua vida a morte de um familiar
2.1.2. Doença de Familiar	As reclusas fazem referência à doença de algum familiar como um momento difícil para si.
2.1.3. Separação dos filhos	As reclusas mencionam o estar separadas dos filhos a cena de maior tristeza
2.1.4.Má relação com o pai	Referência a má relação com o pai
2.2.Prisão	Consideram-se as mulheres que referem o entrar na prisão como pior momento da sua vida
2.3.Relação com companheiro	As narrativas variam entre fim da relação e casamento como pior momento da sua vida
2.4 Episódios de vitimação	Categoria marcada pela referência a situações na qual foram vítimas de maus-tratos

2.5. Condições de vida precárias	Momento em que as reclusas afirmam ter vivido momentos difíceis, situações de vida precárias.
---	---

Anexo 11: Grelha de codificação Ponto de Viragem

Categorias	Definição
3.1. Prisão	Considera-se nesta categoria as cenas relacionadas com o momento em que foi presa, deixar a droga, estar presa, tornar-se mais forte, tornar-se mais consciente e, sair em liberdade
3.1.1. Momento em que foi presa	Momento em que as reclusas referem o momento em que foram presas como ponto de viragem
3.1.2. Estar presa	As reclusas referem a situação de estar presa como ponto de viragem: numa vertente positiva e, também numa vertente negativa
3.1.3. Deixar a droga	Para algumas reclusas a prisão permitiu-lhes deixar a droga
3.1.4. Tornar-se mais forte	Revela-se mudança no sentido de ter-se tornado mais forte
3.1.5. Tornar-se mais consciente	As reclusas remetem a prisão a ter ficado mais consciente das suas atitudes
3.1.6. Sair em liberdade	Referem o momento que sair da prisão como ponto de viragem
3.2. Família	Considera-se nesta categoria as cenas relacionadas com a Morte de um familiar, Gravidez e Relação com a mãe
3.2.1 Morte de um familiar	Considera-se como mudança na vida destas mulheres a morte de um familiar (eg.mãe ou pai)
3.2.2 Gravidez	A gravidez como momento de mudança na

	sua vida
3.2.3 Relação com a mãe	Diz respeito ao momento em que a reclusa conseguiu resolver os seus problemas com a mãe mudando a sua vida para melhor
3.3.Relação com companheiro.	Considera-se terminar a relação com o companheiro mudando a sua vida para melhor. Também se refere à relação com companheiro como mudança de cariz positivo e/ou negativo na vida destas mulheres
3.4.Crime e comportamentos desviantes	referem o crime como ponto de viragem negativo na sua vida
3.5.Vinda para Portugal	Dois pólos distintos: vinda para Portugal ligado à prisão, e, mudança para melhor relativamente a melhores condições de vida
3.6.Consumo de droga	Diz respeito às experiências com as drogas como factor de mudança na sua vida

Anexo 12: Grelha de codificação Vinda para Portugal

Categorias	Definição
4.1.Chegada a Portugal - vivência positiva	Considera-se nesta categoria todas as narrativas que dizem respeito à vinda para Portugal como uma experiência positiva
4.2. Portugal associado ao crime	Nesta categoria consideram-se as narrativas que associam a vinda para Portugal ligada ao crime que cometeram
4.3. Prisão	Esta categoria diz respeito à prisão , o estar privada de liberdade, e situações ligadas à mesma como marco na sua vinda para

4.4.Família	Nesta categoria considera-se Portugal ligado a factores familiares (eg. Vir a Portugal de passagem para estar com família)
--------------------	--